



Rio Grande.

Minas.

Dois ensaios a respeito do primeiro semanário ilustrado-humorístico sul-rio-grandense

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

114



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uaa.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Dois ensaios a respeito do primeiro semanário ilustrado- humorístico sul-rio- grandense



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Dois ensaios a respeito do primeiro semanário ilustrado-humorístico sul-rio-grandense



UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2025

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Dois ensaios a respeito do primeiro semanário ilustrado-humorístico sul-rio-grandense
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 114
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2025

ISBN – 978-65-5306-070-8

CAPA: A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 mar. 1868. A. 2. N. 36. p. 1.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

SUMÁRIO

A fronteira sulina e a guerra: o conflito da Tríplice Aliança sob o prisma caricatural / 11

***A Sentinela do Sul* e as homenagens encomiásticas / 47**

A fronteira provincial sulina e a guerra: o conflito da Tríplice Aliança sob o prisma caricatural

A posição fronteiriça do Rio Grande do Sul representou um elemento constitutivo fundamental que marcou sua história a partir de múltiplas ações bélicas. Corroboram com tal perspectiva os tantos conflitos entre portugueses e espanhóis, à época das disputas territoriais do período colonial; a constante passagem de forças militares pelas fronteiras nos diversos focos revolucionários em terras sulinas, uruguaias e argentinas, já com a edificação dos Estados nacionais; e os vários confrontos que caracterizaram o enfrentamento do Império brasileiro com seus vizinhos platinos. A participação dos sul-rio-grandenses em tais embates foi notória, ficando secularmente demarcada a formação gaúcha pelo contato direto com a guerra. Tal realidade seria retratada pelos registros informativos/opinativos emitidos a partir da imprensa jornalística, desde as suas origens em terras rio-grandenses-do-sul, nas primeiras décadas do século XIX.

Jornais noticiosos, políticos, literários, caricatos e de tantos outros gêneros refletiram em suas páginas tal teor guerreiro da construção sul-rio-grandense. As folhas ilustradas e humorísticas que se desenvolveram no Rio Grande do Sul a partir da segunda metade dos

Oitocentos não deixariam de trazer esses reflexos ao público leitor. A incorporação da imagem ao jornalismo constituiu um considerável fator de aceitação desses periódicos, os quais poderiam atingir até as populações pouco letradas e mesmo os analfabetos (MELO, 1985, p. 120-121). Nesse sentido, rápidos traços sobre o papel, muitas vezes, contribuíram para expressar uma opinião de forma mais objetiva do que através de um longo texto (BAHIA, 1960, p. 39).

Por meio de imagens carregadas de ironia, associadas e/ou complementadas por escritos da mesma natureza, as publicações caricatas tiveram na prática de um humor direto e incisivo (FERREIRA, 1944, p. 18), um dos elementos essenciais que marcou o seu norte editorial. Assim, com a imprensa caricata, o desenho de humor envolveu mais o seu consumidor, apresentando um conteúdo próprio, natural e original (BAHIA, 1990, p. 129). Como a imagem traz consigo um registro abrangente, baseado em um dos sentidos que caracterizam a condição humana (KNAUSS, 2006, p. 99), tal gênero jornalístico teve a propriedade de apresentar uma versão caricatural da realidade retratada.

Na época em pauta há uma efervescência entre os desenhistas e os litógrafos no sentido de captar o momento, registrando o tempo vivido (PINTO, 1997, p. 21), revelando vários detalhes das vivências em sociedade. As caricaturas ofereceram uma contribuição fundamental ao debate político, incentivando o envolvimento das pessoas nos assuntos de Estado (BURKE, 2017, p. 121). De acordo com tal perspectiva, o mais grave conflito bélico no qual esteve envolvido o Brasil no século XIX, a Guerra do Paraguai, foi coberto jornalisticamente pela imprensa da fronteira província

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

sulina, com especial atenção para *A Sentinela do Sul*, primeiro representante do periodismo caricato no contexto rio-grandense, constituindo o estudo de tal abordagem o objeto desta pesquisa.

A Sentinela do Sul foi a folha pioneira dentre as publicações caricatas gaúchas. Tal semanário foi editado na capital da província, entre julho de 1867 e, provavelmente, a virada entre 1868 e 1869. Júlio Timóteo de Araújo e Manoel Felisberto Pereira da Silva eram seus proprietários, a sua impressão era feita na Litografia Imperial de Emílio Wiedemann, enquanto as ilustrações ficavam a cargo de Inácio Weingärtner, que atuava como gravador naquela empresa. *A Sentinela* apresentava-se como jornal ilustrado, crítico e joco-sério e, com humor, lembrava que seria publicada diariamente, com exceção dos dias de semana, custando, primeiramente, 9\$000 por semestre, 16\$000 por ano e \$440 réis, o número avulso, passando, mais tarde, a 12\$000 e 14\$000 anuais, respectivamente para os assinantes da capital e de fora dela. Em meio aos modelos normalmente mais críticos e ácidos das folhas caricatas, manteve sua construção discursiva e suas manifestações pictóricas em padrões razoavelmente mais amenos e moderados (FERREIRA, 1962, p. 13-27).

A publicação estabeleceu padrões de significativa qualidade gráfica para os modelos da época, graças ao bom trabalho como gravador, retratista e calunguista promovido pelo seu ilustrador. Além disso, caracterizou-se por um caráter por vezes ameno do espírito crítico, rechaçando as penas mais desabusadas e contundentes, de modo que o jornal, ainda que se rotulasse de crítico e jocoso, era sério também. O “Redator” da folha, muitas e muitas vezes representado

nas páginas do semanário, com sua cartola e quase sempre acompanhado de seu auxiliar, um jovem negro, o “Piá”, na maioria das suas aparições, assumia os ares aconselhados pela decência, não dando granja ao moleque, a quem apenas permitia perguntas discretas. Séria e/ou humorística, *A Sentinela do Sul* abria espaço para um gênero que ganharia repercussão no Rio Grande do Sul do século XIX, mas, mantendo o caráter muitas vezes pouco longo de este tipo de publicação, já passava por dificuldades em agosto de 1868, vindo a desaparecer em janeiro do ano seguinte (FERREIRA, 1962 p. 17, 19 e 26-27).

A qualidade gráfica do periódico poderia ser observada desde o seu próprio cabeçalho, uma composição equilibrada e inteligente, levada a termo com segurança técnica e bom gosto real. A gravura do frontispício mostrava ao fundo uma vista panorâmica da cidade de Porto Alegre, destacando-se, no primeiro plano, à direita, a figura de um índio – símbolo americano e brasileiro – e, à esquerda, em referência à Guerra do Paraguai, um acampamento militar, a cuja frente aparecia um gaúcho a cavalo, em trajes típicos, os quais se tornariam tradicionais. Completava a alegoria, além de outros elementos decorativos, uma cartela, ao centro, em que aparecia o lema “a sorte favorece os audazes”, escrito em latim e, ao alto, em letras de caprichoso corte, o título da publicação (FERREIRA, 1962, p. 17). O conjunto era composto ainda por dois querubins que, em suas trombetas, traziam os dísticos: “*Sentinela do Sul – jornal ilustrado*”.

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE



Em sua apresentação (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867. A. 1. N. 1. p. 2), o semanário, com ironia, lembrava que todos os jornais e todas as publicações periódicas tinham o costume de apresentarem ao público – definido como uma entidade que engolia as *araras* da imprensa e pagava as suas assinaturas – um programa, no qual minuciosamente detalhavam tudo quanto pretendiam, ou, na maioria das vezes, não pretendiam fazer naquela espinhosa carreira e no desempenho daquela árdua e honrosa missão, que seria um sacerdócio e conduziria a um martírio. Nesse sentido, a folha caricata dizia que não pecaria pela omissão de tal dever, e mesmo que não fosse dada a frases altissonantes, não iria deixar de seguir a regra geral. Usando um termo considerado obrigatório em matéria de programa, a folha afirmava que entrava na arena, armada de pena e de crayon, disposta a sustentar a luta contra o indiferentismo do público e a falta de assinaturas, os dois principais inimigos que quase sempre perseguiram as empresas da sua ordem. O

hebdomadário declarava estar disposto a maçar os seus leitores com oito páginas mistas de textos e gravuras, nas quais abrangeria, tanto quanto possível, as ocorrências da semana.

Buscando isentar-se da prática da pasquinagem, o periódico destacava que, apesar da crítica ser o seu elemento principal, a mesma seria manejada com discernimento, nunca passando das raias da justiça e da honestidade, só ferindo a partir da razão e nos limites da decência, de modo que não viria a empregar a arma do ridículo contra o que fosse nobre, belo e grande. Já no seu programa, o semanário mostrava suas intenções de ter a Guerra do Paraguai como um de seus motes editoriais, enfatizando que as honras, as glórias e as alegrias da pátria achariam eco fiel na *Sentinela do Sul*, que se esforçaria para dar aos seus leitores não só os retratos e as biografias dos pró-homens da época e da situação guerreira, mas também vistas do teatro da guerra. Dizia ainda que a caricatura não poderia faltar, pois ela seria o sal ático da publicação, que em tom jocosério diria muitas verdades, permanecendo fiel ao antigo princípio “*ridendo castigare mores*”. Dessa maneira, a folha adotava um espírito moralizador da sociedade, muitas vezes assumido pelos caricatos, garantindo que se esforçaria com desenhos e palavras para castigar o crime, a hipocrisia, a ignorância e a vilania no que tinha de mais caro, ou seja, o seu amor próprio.

O periódico expunha também que acreditava no favor público, que o acompanharia na senda que se propunha a percorrer, tomando por norte a razão, a justiça e o patriotismo. Previa ainda que a sua execução artística seria sempre digna de entrar em comparação com a das edições ilustradas da corte, bem como a sua

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

publicação e expedição seriam feitas com regularidade. Como a primeira folha ilustrada que saía na província do Rio Grande, esperava contar com a proteção do público. Já em sua segunda edição (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 14 jul. 1867. A. 1. N. 2. p. 2), o hebdomadário destacava as repercussões que tivera sua distribuição junto ao público porto-alegrense, traduzida por meio da conversa entre seus dois personagens centrais, os quais comentavam que o acolhimento fora ótimo, havendo barulho pela cidade diante da novel publicação. Na mesma oportunidade, o pioneiro caricato esclarecia que não queria saber de negócios de partido, os quais não davam camisa para ninguém, ainda mais que a meta de seus proprietários seria a de ganhar dinheiro e não fazer vida política (ALVES, 2006, p. 49-88; ALVES, 2007, p. 245-254; e ALVES, 2016, p. 9-72).

A mais marcante presença nas páginas da *Sentinela* era a do Redator e o Piá, que representavam a organização redacional da folha. O Redator simbolizava o articulador dos textos e o Piá era uma espécie de repórter, que saía às ruas para coletar as notícias e repassar as novidades ao companheiro de redação. Entre ambos havia uma relação que ia além daquelas de natureza empregador/empregado, lembrando mais a perspectiva do escravismo, tanto que o Piá chamava o Redator de “amo” e este, por várias vezes, ameaçava o outro com punições e castigos, inclusive físicos. Em termos simbólicos, havia também um outro tipo de interação ente eles, pois o Redator traria a versão mais reflexiva e, de certo modo, comedida e séria; ao passo que o Piá, carregava consigo a maior carga de jocosidade. Desse modo, um poderia aparecer como o alter ego em relação ao outro.



O Redator



O Piá

À época da Guerra do Paraguai, houve, em linhas gerais, uma ativa participação da imprensa brasileira em prol da causa nacional no conflito bélico. O jornalismo caricato iria participar de tal esforço de guerra, de modo que o engajamento conferiu à caricatura um relevante papel, uma vez que exibiu as condenadas formas do adversário e, com isso, apresentou-se como privilegiada base da legitimação pretendida pelo Império na sua ação armada contra o governo paraguaio (SILVEIRA, 1996, p. 169). O mesmo ocorreu com *A Sentinela*, de modo que a Guerra da Tríplice Aliança tornou-se um dos temas mais recorrentes nas páginas do semanário porto-alegrense, o qual chegou mesmo a publicar por diversas vezes um

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

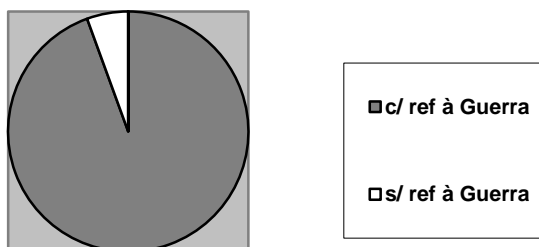
aviso solicitando a todas as pessoas que possuíssem retratos de oficiais e praças, que viessem se distinguindo na Guerra contra o Paraguai, acompanhados de notas biográficas, os emprestassem à redação, de modo a serem estampados em suas colunas. O mesmo pedido era feito às famílias dos oficiais que tivessem morrido no teatro da guerra (A SENTINELA DO SUL, 9 fev. 1868. A. 2. N. 32. p. 7).

No ano inicial da circulação da *Sentinela*, a Guerra do Paraguai constituiria o tema mais difundido nas suas páginas, trazendo aos leitores textos e imagens acerca do cenário bélico, com registros iconográficos e textuais sobre do panorama da guerra e de seus principais participantes. De acordo com o caráter de mobilização patriótica que dominava a imprensa brasileira de então, o hebdomadário se dispunha a uma figurativa participação na guerra, engajando-se com a causa nacional. Ao mesmo tempo, a folha enaltecia a participação dos sul-rio-grandenses no conflito, denunciando um alheamento das demais regiões do país. O semanário também manifestava as desconfianças em relação aos aliados do Brasil na Tríplice Aliança. Tal periódico movia ainda ferrenha campanha de oposição ao inimigo, personalizado essencialmente na figura do líder paraguaio, Solano Lopes.

Nesse contexto, a Guerra da Tríplice Aliança constituiria o assunto mais frequente da *Sentinela do Sul*, sempre atenta aos acontecimentos bélicos. Durante o primeiro ano de existência da folha caricata, foram pouquíssimas as edições que não fizeram referências diretas à guerra, chegando a mais de noventa por cento a proporção de números que continham matérias específicas sobre o confronto. Além disto, ao longo dos

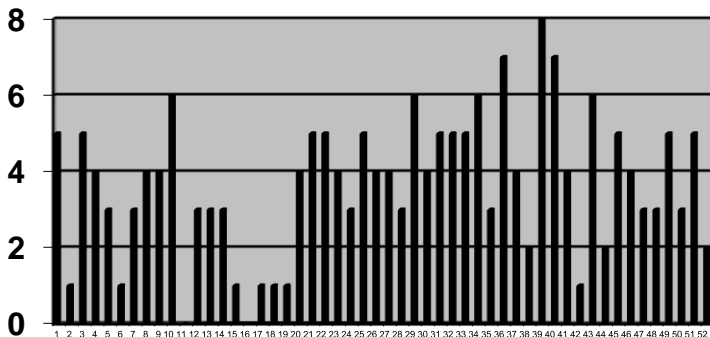
cinquenta e dois números editados nos primeiros doze meses do periódico, quase sempre, em pelo menos uma de suas oito páginas havia uma referência ao conflito. Estas constatações podem ser observadas a partir dos seguintes levantamentos (ALVES, 2016, p. 13-15), expressos de modo gráfico:

Gráfico 1 – Proporção de edições em que aparecem ("c/ref.") e não aparecem ("s/ref.") matérias referentes à Guerra do Paraguai, levando em conta um ano de publicação da *Sentinela do Sul* (em %)



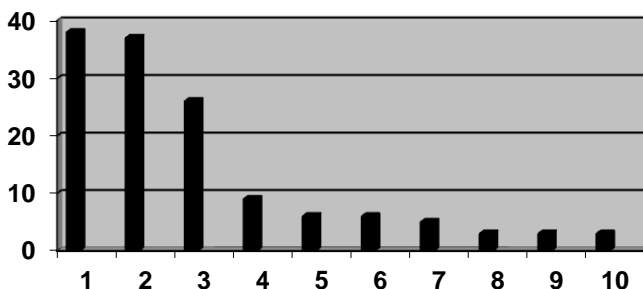
DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

**Gráfico 2 – Quantidade de páginas em que aparecem
matérias referentes à Guerra do Paraguai por número (de 1 a
52), levando em conta um ano de publicação da *Sentinela do
Sul* (em números absolutos)**



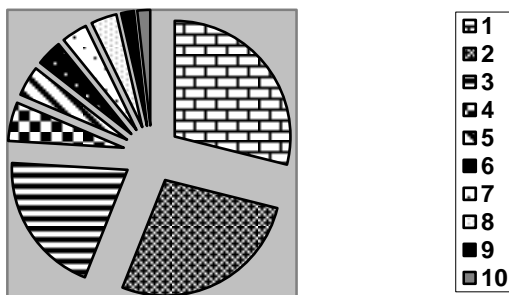
Foram várias as formas pelas quais a Guerra do Paraguai foi apresentada nas páginas da *Sentinela do Sul*. Além da própria marca registrada da folha, quer seja, a caricatura, as maiores inserções ocorreram no sentido de destacar os atores no teatro da guerra, quer seja, os militares, o que ocorreu através da publicação de considerável quantidade de retratos e biografias desses indivíduos. Avisos, reproduções de fotografias, explicação de gravuras, narração de episódios de guerra, desenhos com cenas bélicas e com mapas e plantas, além de críticas, poesias e alegorias foram outras modalidades de referência à Guerra da Tríplice Aliança na *Sentinela*. A distribuição dessas matérias e as preponderâncias no que tange à sua publicação podem ser observadas por meio dos seguintes gráficos.

Gráfico 3 – Número de edições em que aparecem os principais tipos de matéria referentes à Guerra do Paraguai, levando em conta as ocorrências em um ano de publicação da *Sentinela* (em números absolutos)



1 = retratos 2 = biografias 3 = caricaturas 4 = aviso 5 = cenas de batalha 6 = explicação de gravuras 7 = narração de episódios de guerra 8 = reprodução de fotografias 9 = mapas/plantas 10 = outros

Gráfico 4 – Proporção em que aparecem os principais tipos de matéria referentes à Guerra do Paraguai, levando em conta um ano de publicação da *Sentinela* (em %)



1 = retratos 2 = biografias 3 = caricaturas 4 = aviso 5 = reprodução de fotografias 6 = explicação de gravuras 7 = narração de episódios de guerra 8 = cenas de batalha 9 = mapas/plantas 10 = outros

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

A Guerra da Tríplice Aliança constituiu uma temática que despertou amplo interesse no seio da população sul-rio-grandense. A ativa participação de grande contingente de gaúchos no cenário de guerra e o temor por uma possível repetição da invasão do território rio-grandense eram alguns dos fatores que justificavam tal sede por informações oriundas dos campos de batalha. A *Sentinela do Sul*, como representante da pequena imprensa, também prestou sua colaboração na execução do papel jornalístico, trazendo informes a respeito do teatro bélico. As manifestações do semanário gaúcho foram carregadas de patriotismo, enaltecendo a ação brasileira e desconstruindo a imagem do inimigo, representado por Solano Lopes, repetindo um comportamento bastante comum à praticamente o conjunto da imprensa brasileira da época. Mas, ao voltar-se aos leitores da província sul-rio-grandense, *A Sentinela* apresentou peculiaridades em suas matérias, mormente no que tange a denúncias quanto às discrepâncias no tratamento dado aos gaúchos e a suspeitas quanto aos aliados do Império na composição da Tríplice Aliança.

***A Sentinela do Sul* e os “sacrifícios” dos sul-rio-grandenses na guerra**

O hebdomadário porto-alegrense não poupou esforços para enaltecer a ação dos militares na Guerra do Paraguai, estabelecendo um ambiente textual e imagético no qual eles eram heroicizados, qualificados como invencíveis e temidos ao extremo pelo inimigo. Dentre os militares exaltados pelo periódico, com a

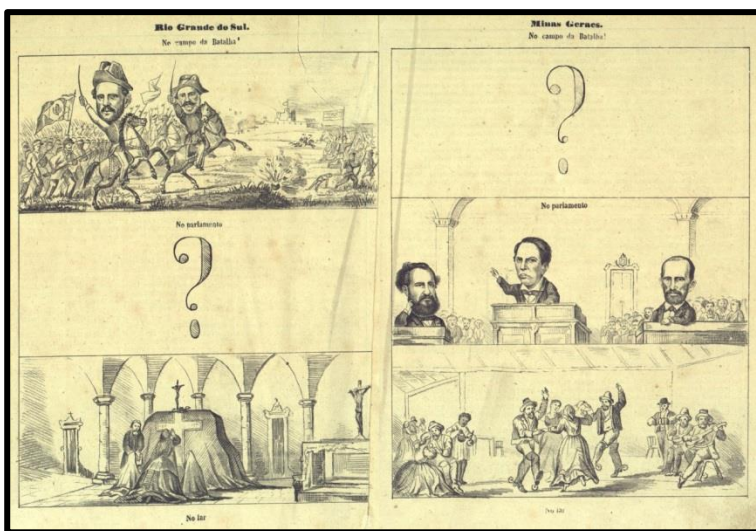
exibição de retratos, de dados biográficos e de narrativas a respeito de sua ação guerreira, os nascidos na fronteira sulina tiveram destaque especial. Ao mesmo tempo, a folha apresentava uma versão pela qual o Rio Grande do Sul vinha empreendendo um esforço de guerra maior do que aquele de outras províncias, sendo estabelecidos vários paralelos que intentavam demonstrar os “privilégios” de outras localidades, em comparação com os “sacrifícios” dos sul-rio-grandenses.

De acordo com *A Sentinela do Sul*, um “sombrio desespero” dilacerava “os corações dos patriotas rio-grandenses”, ao observarem a província sulina, “tão excessivamente representada no campo de batalha”, mas “condenada ao ostracismo no areópago do Brasil”. Explicava que “as glórias conquistadas nas guerreiras lides à sombra do pendão auriverde” encontravam “sonoro eco nos peitos dos rio-grandenses”. Garantia ainda que, mesmo “dizimados pelo tributo de sangue” que pagavam “em larga escala” e “repelidos do seio da representação nacional”, os rio-grandenses não esqueceriam “um só momento os seus deveres de brasileiros e cidadãos”, permanecendo “resignados” ao sofrerem “pela pátria” e ao exultarem “com a pátria, quando vitorioso e ovante” tremulava “o estandarte brasileiro sobre as hostes abatidas dos inimigos” e “sobre as bombardas paraguaias, tomadas à baioneta”. Para a publicação, tal sentimento não poderia ser outro, uma vez que, “em todas essas glórias, a melhor parte” cabia aos rio-grandenses (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867. A. 1. N. 1. p. 6).

Nesse caso esteve também um conjunto de gravuras que comparava a participação gaúcha com a mineira na guerra, enfatizando o papel dos rio-

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

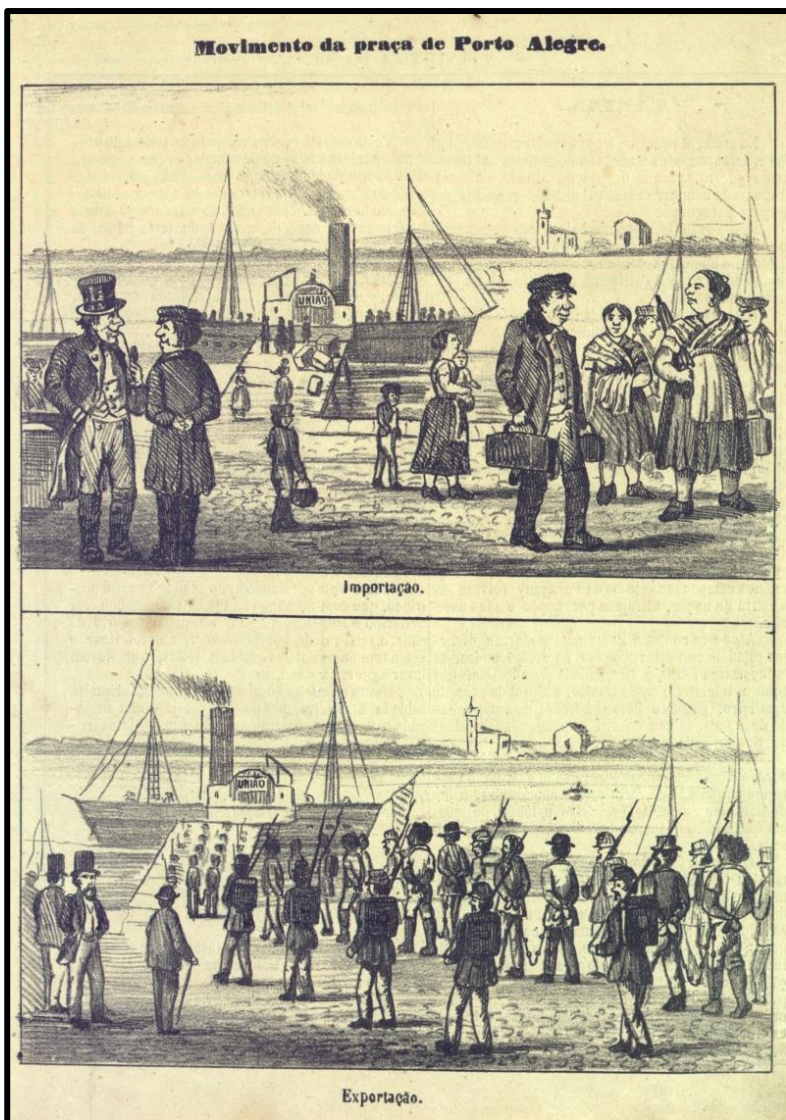
grandenses-do-sul. No desenho, os sulinos apareciam peleando no campo de batalha e, por isso, ausentes no parlamento, enquanto que, nos lares, havia o pranto pela morte dos soldados. Por outro lado, em Minas Gerais, a ausência dos mineiros era exatamente no teatro do enfrentamento bélico, aparecendo os políticos a discutirem no parlamento e as pessoas a festejar no seu ambiente doméstico, refletindo a visão do jornal a respeito dos tratamentos diferenciados dados às províncias, em denunciável prejuízo do Rio Grande do Sul (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867. A. 1. N. 1. p. 4-5).



A comparação tomava ares jocosos em um “Colóquio entre o Redator e o Piá”, no qual, em meio ao diálogo, comentava-se sobre a abertura de uma sociedade de danças em Porto Alegre, voltada ao

divertimento da mocidade. Do ambiente bélico predominante poderiam advir estranhezas quanto ao significado de tal entidade voltada ao entretenimento, quando a maior preocupação era a guerra. Nessa linha, o Piá relatava que, quando estava sendo instalada a tal sociedade, um “gaiato” teria dito: “Isto aqui parece Minas, e não Rio Grande!” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 21 jul. 1867. A. 1. N. 3. p. 3). Em sentido próximo, o jornal chegou a publicar um “enigma pitoresco”, cujo significado era “Se Lopez dominasse Minas, o exército brasileiro somava 150.000 homens” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 1º set. 1867. A. 1. N. 9. p. 2-3) Já em uma ilustração, o semanário referia-se aos malefícios que a guerra estaria trazendo à província sulina, ao desfalcá-la de largos contingentes de trabalhadores, deslocados para o cenário bélico. Nesse sentido, o periódico fazia um contraponto em relação ao movimento portuário na capital gaúcha para com as necessidades de guerra, estando o Rio Grande do Sul a receber a “importação” de colonos estrangeiros e exportando soldados para o cenário da guerra (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 4 ago. 1867. A. 1. N. 5. p. 5).

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE



Em outra conversa entre os dois protagonistas da folha, tal conteúdo voltava a ser expresso. O Piá constatava que era “sempre verdade que o governo” fazia “muito pouco caso do Rio Grande”, ao passo que o Redator complementava tal ideia, afirmando que os governantes faziam sim “pouco caso em tudo quanto” se chamava “favorecer”, entretanto, sabia “exigir” com eficiência. Segundo este, quando fossem necessários “soldados, ouro e produtos, os senhores da governança” logo se lembravam da província sulina, mas, quando era “para conceder-lhe as mesmas regalias”, as quais as outras gozavam, “ninguém” se recordava “da existência do Rio Grande”. Com tal constatação, o Piá considerava que aquilo seria “uma grave injustiça”, vindo a concordar com o Redator no que tange a não haver “o que fazer” diante de tal situação (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 set. 1867. A. 1. N. 10. p. 2-3).

As denúncias quanto às diferenciações no tratamento dado pelo governo central às províncias se faziam presentes no destaque dado ao embarque de um contingente que marchava para a fronteira, descrito como “uma cena pungente”, na qual todos aqueles homens, ouvindo “a voz da pátria” que necessitava “do concurso dos seus filhos”, partiam “resignados e prontos para defenderem as fronteiras”, como “bravos”, que deixavam suas famílias a que serviam de arrimo. A folha exclamava que o “dever de brasileiro e de rio-grandense” os chamava, e “ante a voz da pátria, tudo o mais deveria” calar-se. Entretanto, com ironia, dizia que a pátria só falava para o Sul, ao passo que, em Minas e em São Paulo, parecia muda. Diante de tal consideração, o hebdomadário constatava que a pátria não era muda,

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

ela gemia e pedia socorro, mas os homens de Minas, do Norte e de São Paulo eram surdos, ou se faziam de surdos pelo menos, porque assim lhes convinha. Apesar de tais inconvenientes, o jornal, por meio do Piá, manifestava exultação por ser rio-grandense, pois, “ser filho do Rio Grande”, significaria “ser filho de heróis”. O semanário destacava que deveria ser honrado o patriotismo demonstrado pelos gaúchos, esperando que os governantes fossem gratos a eles, tratando-os depois da guerra com mais franqueza e menos injustiça do que até então vinha fazendo. O agravamento do quadro de necessidades da província, tendo em vista a guerra, era igualmente ressaltado pelo hebdomadário, enfatizando a miséria e a fome, uma vez que o enfrentamento bélico privara “centenares de famílias dos seus sustentáculos naturais”, reduzindo sensivelmente a produção provincial, subtraindo-lhe “milhares de braços à indústria e à lavoura” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 13 out. 1867. A. 1. N. 15. p. 9-10).

No seio de outra manifestação entusiástica pelas ações militares brasileiras no front, o Redator não deixava de lembrar que Porto Alegre cumprira “o seu dever”, como a capital da província que vinha “cingindo a coroa do martírio, enquanto outras usufruíam das delícias de Cápuia”, e, portanto, levantara-se “como um só homem para vitoriar um triunfo tão esplêndido, não só por ele ser o prelúdio da próxima conclusão da guerra”, constituindo tal fato “uma esperança” dos males que afligiam os rio-grandenses virem a minorar. Uma outra ilustração trazia mais uma vez o teor comparativo entre o esforço gaúcho e o das demais regiões. Sob a epígrafe “índoles provinciais”, o paralelo dava-se entre duas damas, uma que representava a

província rio-grandense e a outra a mineira. Enquanto a primeira entregava ao seu súdito um espada e uma lança, simbolizando o esforço de guerra, a outra repassava ao seu um doce, sintetizando o apontado descompromisso para com o enfrentamento bélico (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 mar. 1868. A. 2. N. 36. p. 1 e 4).



Em outro “Colóquio entre o Redator e o Piá”, A *Sentinela do Sul* era ainda mais enfática ao denunciar possíveis perseguições sofridas por militares gaúchos, como outra forma de diferenciação entre os sulinos e os oriundos de outras províncias (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 mar. 1868. A. 2. N. 38. p. 3 e 6):

Red. – E por falar em surpresa, ocorre-me a ideia de ter lido um fato que bastante entristeceu-me, refiro-me ao fuzilamento de um alferes, natural desta

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

província.

Piá - Exatamente, o conselho de guerra assim o determinou.

Red. - Eis aí um *bode expiatório*. Depois de tantas surpresas, sem que até hoje conste haver um só conselho de guerra, que julgasse os surpreendidos, surge inesperadamente esta lamentável notícia, que vai encher de luto a família do malogrado alferes. Não nego o direito do conselho impor tão rigorosa pena, nem desconheço a severidade das leis militares; porém o que estranho é que tão fatal exemplo fosse dado ao modesto alferes rio-grandense, quando outras patentes mais superiores, que também deixaram surpreenderem-se, gozem as delícias do céu. (...)

Mas não, essa como outras surpresas não foram dignas, ao que parece, de serem ventiladas; a que foi horrenda, assaz criminosa, merecedora das iras do conselho, foi a de que foi vítima o infeliz alferes. Porque isto? Porque os rio-grandenses hão de ser só os que devem ser castigados, quando a impunidade cobre os outros. Que crime comete o infeliz Rio Grande?

Seria o de mandar seus filhos reforçar os exércitos para a campanha oriental, enquanto a tropa de linha gozava dos prazeres da Corte e das grandes capitais das outras províncias? (...)

Seria por ter, sem se queixar, se sujeitado ao pouco patriotismo e à perseguição do governo geral, ao arrancar-lhe trinta mil homens da sua lavoura e da sua indústria, deixando, no entanto, a mimosa Minas em paz?

Seria por ter sua valente cavalaria dado tantas glórias ao país, e sucumbido aos milhares de bravos ante as fortificações paraguaias, ao deitar seu pé em terra para escalá-las à lança e à espada, como

aconteceu no ataque comandado pelo primeiro estratégico contra o *Estabelecimento*?

Seria por ter, quase indiferente, recebido e conservado contra si a lei marcial, contra a sua própria determinação, visto a província não achar-se invadida, nem ter de combater nenhuma luta intestina?

Seria por sofrer resignadíssimo o maior insulto que se pode fazer a uma província contra a sua honra e seus direitos, colocando-a fora da comunhão brasileira, trancando-lhe as portas do parlamento para que sua voz não fosse ouvida e seus direitos atendidos?

Seria, finalmente, por ter se sujeitado ao pagamento dos novos impostos, sem ser ouvido, por intermédio de seus representantes, contra a liberal disposição do pacto fundamental?

Piá – Eis um segredo que só a sonâmbula *Ulisses* nos podia revelar.

Red. – Porém, isto é uma desgraça, é mesmo uma perseguição; e para coroar a obra, o infeliz alferes rio-grandense representa agora o papel do *bode expiatório*.

Piá – Mas se as leis militares são tão rigorosas...

Red. – Já o confessei: não contesto o direito do conselho; o que me surpreende é esse terrível exemplo estar reservado para o modesto alferes, quando outros, de patente mais superior, têm cometido idêntico crime, e quem sabe se com circunstâncias mais agravantes, sem todavia constar que fossem sentenciados a serem fuzilados, nem que respondessem a conselho de guerra. (...) Disto e de tantas outras perseguições é que me queixo, de nada mais.

Piá – O meu amo tem razão, porém contra a força não há resistência.

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

Os termos de comparação entre Minas Gerais e Rio Grande do Sul, com o fito de promover a denúncia, mais uma vez eram executados pela folha por meio de ilustração que manifestava estranhamento pelo fato daquela ganhar, por razões eleitorais, condecorações, ao passo que este recebia apenas armas para continuar seus sacrifícios na guerra. A caricatura era complementada por mais um “Colóquio entre o Redator e o Piá” que descrevia a concessão de honrarias aos mineiros. Diante de tal ato, o Redator registrava que ocorrera algum engano, devendo o governo, ao invés de enviar armas ao Rio Grande, “restituir o gozo dos direitos constitucionais” na província sulina, com o reestabelecimento das eleições; “conceder uma etapa diária às famílias desvalidas dos soldados rio-grandenses em campanha”; instituir “provisoriamente uma tarifa especial para as alfândegas” gaúchas, de modo a “proteger a produção e a exportação da província”, que tantos soldados fornecia; isentar o Rio Grande, “que tantos sacrifícios” fazia, “do pagamento do imposto pessoal”; criar “uma distinção honorífica especial para a valente cavalaria rio-grandense”, que tomara “trincheiras inimigas com a lança em punho”; e mesmo enviar uma “fornada grossa de graças e mercês para as pessoas” que na “província prestaram relevantes serviços em relação à guerra”, o que não ocorrera em relação à Minas Gerais (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 17 maio 1868. A. 2. N. 46. p. 1 e 7).



***A Sentinela do Sul* e a desconfiança quanto aos aliados platinos**

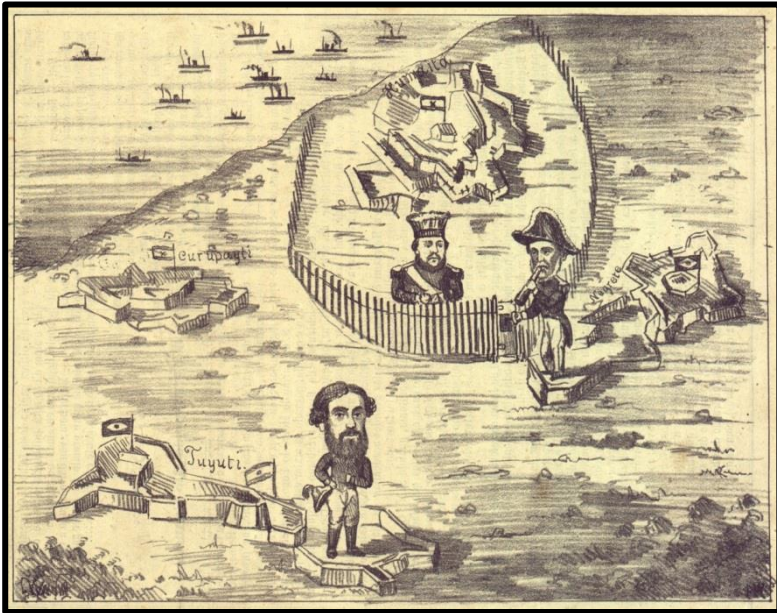
A ampla cobertura dos acontecimentos referentes à Guerra do Paraguai foi uma constante na *Sentinela do Sul*, com o acompanhamento o mais direto possível que as condições tecnológicas de comunicação então permitiam. Nas páginas do periódico ficava marcado o desejo do encerramento do conflito na maior brevidade possível, de modo que cada vitória era comemorada como mais um passo em direção à solução final, a qual acabava por não se confirmar. Esse interesse tão vivo e o fervor patriótico que marcava significativa parte da imprensa brasileira de então era acompanhado pela *Sentinela*, entretanto sua abordagem encontrava um diferencial bastante considerável, representado por uma manifesta desconfiança para com os companheiros da Tríplice Aliança.

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

Tal perspectiva aparecia em mais uma edição do “Colóquio entre o Redator e o Piá”, no qual ficava bem demarcada a visão do jornal quanto aos atores envolvidos no cenário bélico. Nesse contexto, o Piá, sempre à cata de notícias, dizia que os informes acerca da guerra não deixavam “de ter sua gravidade”, esclarecendo que o exército brasileiro estaria pronto “para o que der e vier”, de modo que não se poderia “fazer esperar muito a decisão final” daquele “pleito internacional” travado “entre as quatro potências sul-americanas”. Perante tais afirmações, o Redator se contrapunha, explicando que o “gosto literário” do parceiro levava-o “a tornear frases altissonantes”, mas que ele não deveria esquecer “que as tais republiquetas” não mereciam “a qualificação de potências”, pois tratavam-se de “*potenciazinhas*”, as quais não poderiam “competir com o Brasil”, que seria “a única e verdadeira potência da América do Sul” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 28 jul. 1867. A. 1. N. 4. p. 3).

Um dos alvos da folha caricata porto-alegrense era o comandante militar argentino, chegando o jornal a afirmar que tudo quanto até então havia sido feito no teatro da guerra, fora realizado por generais brasileiros, ao passo que Mitre ia passear em Buenos Aires e cuidar de seus negócios que não iriam muito bem, quando sua presença era mais reclamada. Essa suposta inação dos militares argentinos era denunciada também pelo jornal através de caricatura, como uma mostrando o comandante brasileiro Caxias aguardando ansiosamente a presença de Mitre que permanecia impassível, trazendo vantagens para Lopez que conseguia manter a tranquilidade atrás de suas linhas fortificadas (A

SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 25 ago. 1867. A. 1. N. 8. p. 2 e 4).



Outro líder militar argentino que causava desconfiança era Urquiza, cujas ações, segundo a folha, começavam a tornarem-se inoportunas, com a compra “de armamento moderno, revistas e reuniões políticas e militares”. Para o periódico, tal atitude era singular já que Urquiza não passava de um “empregado do governo” e “súdito argentino”, de modo que deveria “obedecer a Mitre, mas, sem dar-lhe a menor satisfação”, comprava armamento, reunia gente e preparava-se “com todo o descanso para a revolução” que proximamente iria encabeçar, de acordo com todos os indícios. Nessa linha, o semanário censurava o governo argentino por

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

não ter “força nem energia bastante para impedir a compra de armas” feita pelo seu súdito “com a maior ostentação” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 25 ago. 1867. A. 1. N. 8. p. 2).

Mantendo o tom de suspeita, *A Sentinela* dizia que na Argentina as coisas não estavam em ordem, manifestando muito receio que, acabada a questão com o Paraguai, viessem a ocorrer dúvidas em relação aqueles “leais aliados”, mormente se Urquiza conseguisse “assenhorar-se do domínio da república”. Afora isso, o hebdomadário argumentava que, se as operações no Paraguai tornassem “outra vez a um estado de longa inação”, surgiria o receio de que Urquiza levantasse “o grito da rebelião, antes de concluída a guerra” contra Lopez. Dessa maneira, a folha concluía que “o estado de coisas no Rio da Prata”, não teria “nada de agradável para o Brasil”, o qual poderia ter de fazer “enormes sacrifícios para assegurar à América do Sul o estado de ordem e progresso” que anelava, e para o qual seriam “eternos obstáculos” aquelas “republiquetas hispano-americanas”, nas quais só reinava “desordem e eterna luta de partidos” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 25 ago. 1867. A. 1. N. 8. p. 2).

Nas páginas da *Sentinela* foi publicado também um “Colóquio entre dois políticos”, no qual eles conversavam sobre o cenário de guerra, conjecturando que a continuidade da mesma deveria trazer um “transtorno dos diabos para o Brasil” e, muito disso, advinha da “travessura de rapazes castelhanos”. Faziam referência aos “grandes sacrifícios pecuniários do Império”, como algo favorável à Argentina no período posterior à guerra, apontando que os “nossos amigos argentinos” estariam ajeitando a situação “a seu bel

prazer". A ação do militar argentino Urquiza em torno da mobilização militar era mais uma vez ressaltada, como uma possível intenção de tomar o poder. Segundo tal diálogo, Urquiza estava "se arranjando para melhor poder representar o seu acostumado papel predileto de negro traidor", caindo em cima do Brasil, "depois de acabada a guerra com o Paraguai", isso se não o fizesse ainda antes (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 29 set. 1867. A. 1. N. 13. p. 6-7).

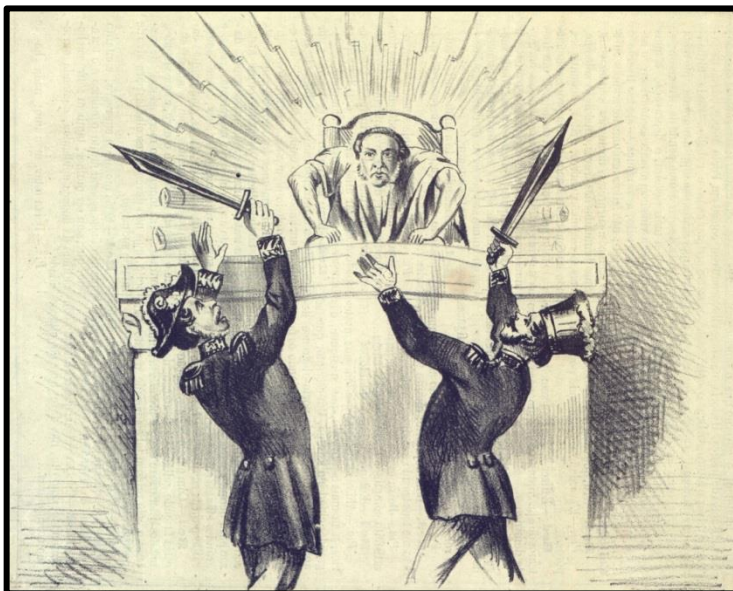
Em caricatura intitulada "A pesca milagrosa", a folha mostrava que só um general brasileiro se esforçava para aprisionar Lopez, ou, simbolicamente, pescar o escorregadio e fugidivo peixe que representava o presidente paraguaio. Enquanto isso, ao largo, os comandantes aliados permaneciam impassíveis, sem esboçar reação diante da ação brasileira (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 13 out. 1867. A. 1. N. 15. p. 5).

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE



As incertezas em relação ao lado adotado na guerra pelo líder militar argentino Urquiza eram também manifestas no jornal por meio de desenho, o qual lembrava uma cena romana em que os comandantes brasileiro e paraguaio digladiavam-se entre si em busca do apoio daquele. A legenda era sucinta: “Ave Urquiza, *morituri te salutant*”. A caricatura era complementada pela explicação de que, na gravura, Urquiza, representava “o papel dos imperadores romanos”, que presenciavam, “para o seu recreio as sangrentas lutas do circo”, e que os atletas tinham de saudá-lo com a expressão “aqueles que vão aniquilar-se te saúdam”. A partir de tal explanação, o semanário concluía que de fato aquele líder militar estaria “contemplando a luta, gostando dela e fazendo os seus planos para o futuro”, pois seria o único que tiraria “real

proveito de toda” aquela “triste guerra, que diariamente” impunha “novos sacrifícios aos beligerantes, e, sobretudo, ao Brasil” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 1º dez. 1867. A. 1. N. 22. p. 5 e 7).

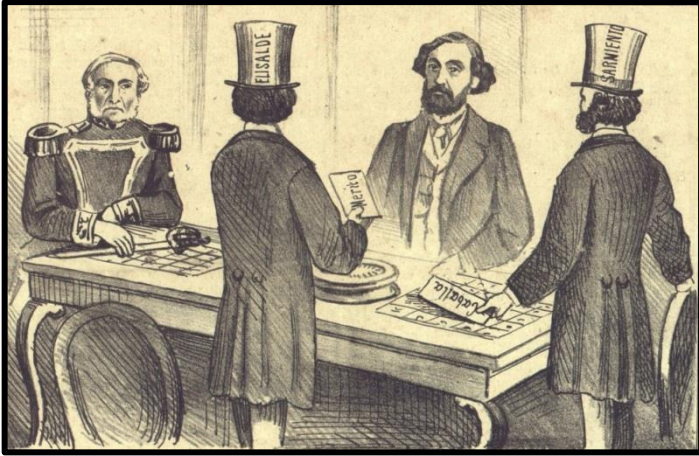


Em um novo diálogo entre o Redator e o Piá, este se referia à liberdade de ação de Solano Lopez, tendo em vista que a aliança dava-lhe “tempo para tudo”, destacando que, cada vez mais se desfazia a ideia de uma guerra marcada pela brevidade. Diante disso, o Redator concordava, afirmando que “desgraçadamente assim” vinha sendo, e “o pobre Brasil” era quem estava “pagando as favas” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 19 jan. 1868. A. 2. N. 29. p. 6). Em outra edição, uma matéria destinava-se a apreciar a ação do líder

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

argentino Bartolomeu Mitre, o qual era definido, no campo político, como “um homem superior, de incontestável talento e estimável pela elevação do seu caráter”. Tal avaliação, entretanto, mudava radicalmente quando se direcionava à sua ação militar. Segundo o jornal, na Guerra do Paraguai, “a aliança com Buenos Aires era uma necessidade”, mas o comando geral entregue a Mitre foi considerado como “não necessário e não proveitoso”, explicando que o mesmo condenara o exército imperial “à inação”. Para a folha todos deveriam ser gratos pela sua retirada do teatro de guerra, pois Mitre não fora “estratégico nem chefe militar de real mérito”, como comprovara “seu comando no Paraguai”. O periódico ainda explicitava que, “felizmente”, já pertencia “essa época à história, que algum dia” proferiria “a sua sentença imparcial”, uma vez que Mitre, “como estadista e como político”, valia “muito mais do que como general” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 mar. 1868. A. 2. N. 38. p. 2).

As desconfianças em relação à Argentina eram também manifestas por meio de caricatura, na qual militares e políticos argentinos decidiam sua participação na guerra através da jogatina, demonstrando que suas ações eram limitadas pelos seus interesses pessoais. A legenda era direta, dizendo que aqueles senhores deveriam fazer os seus jogos (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 26 abr. 1868. A. 2. N. 43. p. 1).



Mais explícita ainda foi a caricatura publicada pela *Sentinela* que mostrava o Brasil, representado pelo índio, que aparecia de braços dados com dois indivíduos vestidos à gaúcha, simbolizando uruguaaios e argentinos, cujas feições eram pouco confiáveis. O caráter instável e transitório da aliança era bem definido através da legenda: “O Brasil, a República Oriental e a Confederação Argentina, são amigos... no Paraguai” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 3 maio 1868. A. 2. N. 44. p. 1).

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE



Os riscos da continuidade do conflito foram mais uma vez tema da *Sentinela do Sul*, fazendo o Redator preces para que isso não se confirmasse, destacando em grifo, que “a lealdade dos nossos aliados nos ameaça com graves perigos, se durar a guerra ainda muitos meses”. Segundo ele, só ganhavam com tal prorrogação os “especuladores”, tendo o Império “de aguentar com o peso e a desgraça da guerra”. Ressaltava ainda que os negociantes brasileiros não eram os piores, pois “os especuladores argentinos e correntinos”, além dos lucros convencionais, comiam “por dois carrinhos, fornecendo aos nossos e aos inimigos” (A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 10 maio 1868. A. 2. N. 45. p. 7).

#####

Assim, no contexto sul-rio-grandense, *A Sentinela do Sul*, reproduzindo uma ação recorrente à imprensa brasileira, buscou cativar seus leitores quanto à justeza

das causas nacionais na guerra e atingir peremptoriamente o adversário do Império – Solano Lopez. Através de suas páginas, o Rio Grande do Sul teria condições de “assistir” a várias cenas da Guerra da Tríplice Aliança. Ao trazer várias matérias informativas bem como manifestações crítico-opinativas, o hebdomadário porto-alegrense encontrava um público leitor ávido por notícias do teatro de operações. Ao contrário dos jornais diários, que apresentavam longos textos sobre o conflito, a folha caricata publicava escritos em geral mais curtos e leves e, mais do que isso, trazia consigo a imagem, que, se não dava cores às narrações, ao menos permitia maior e mais direta visibilidade às mesmas. Dessa maneira, a folha doava o seu quinhão no constante esforço de guerra que marcou o cotidiano do jornalismo brasileiro à época do conflito contra o Paraguai (ALVES, 2016, p. 71).

Por meio das caricaturas cheias de representações e simbolismo, ou ainda pelos diálogos expressos nos “Colóquio entre o Redator e o Piá”, e em outras matérias e seções, que traziam uma linguagem mais popular e reproduziam até mesmo o modo de falar mais cotidiano, o hebdomadário gaúcho manteve o sentido nacional de entusiasmo patriótico, mas não deixou de lado a perspectiva calcada no regional, de modo que apresentou uma guerra de forma ilustrada e sob o olhar dos rio-grandenses-do-sul (ALVES, 2016, p. 71-72). Nesse sentido, a posição fronteiriça sulina deixou claras suas marcas no posicionamento da *Sentinela do Sul*, traduzida na insatisfação sul-rio-grandense, por considerar o seu esforço de guerra de maior intensidade e sacrifício, comparativamente às demais regiões brasileiras, bem como na aberta desconfiança em relação

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

aos aliados argentinos e uruguaiois, vizinhos lindeiros muito bem conhecidos pelos constantes contatos com a vida gaúcha. Como porta-voz dos interesses rio-grandenses e conhecedor de causa da conjuntura platina, o hebdomadário lançou seu olhar fronteiro sobre o grave conflito travado na América do Sul¹.

Referências bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa, caricatura e historiografia no Rio Grande do Sul: ensaios históricos*. Rio Grande: FURG, 2006.

_____. Imprensa caricata rio-grandense-do-sul e Guerra do Paraguai: imagem, informação e conflito discursivo. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Imprensa, história, literatura e informação – Anais do II Congresso Internacional de Estudos Históricos*. Rio Grande: FURG, 2007. p. 245-254.

_____. A Guerra do Paraguai e a imprensa caricata. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *A Guerra do Paraguai e a imprensa rio-grandense-do-sul: ensaios históricos*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2016. p. 9-72.

BAHIA, Juarez. *Três fases da imprensa brasileira*. Santos: Presença, 1960.

¹ Texto publicado originalmente em: OLIVEIRA, Marcelo França de. et al. (orgs.). *Identities e fronteiras: perspectivas históricas*. Porto Alegre: Casalettras, 2019. p. 31-56.

_____. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1990.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1944.

_____. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

PINTO, Virgílio B. Noya. História e imagem, metamorfoses. *Comunicação & Educação*, São Paulo, (10): 15 a 23, set/dez. 1997.

SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel: a Guerra do Paraguai através da caricatura*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

A Sentinela do Sul e as homenagens encomiásticas

O conteúdo encomiástico expresso por meio textual e imagético constituiu uma das preferências da *Sentinela do Sul*, dedicando suas páginas a múltiplas homenagens a personagens da sociedade brasileira e sul-rio-grandense. De acordo com seus vínculos ao processo histórico que marcava a Guerra do Paraguai, os militares foram os mais exaltados pela folha humorístico-ilustrada gaúcha². Nesse sentido, o próprio periódico demarcava que “as honras, as glórias, as alegrias da pátria acharão eco fiel na *Sentinela do Sul*”, a qual viria a esforçar-se “para dar aos seus leitores os retratos e biografias dos pró-homens da época”³. De acordo com tal perspectiva, a publicação, ainda que apontasse como “grave a missão do biógrafo” e “melindrosa sobremodo a sua tarefa”, insistia em traçar “as feições características” dos “vultos importantes”, o que constituiria “um dever imperioso”⁴.

² A abordagem das homenagens panegíricas da *Sentinela do Sul* aos militares foi realizada em: ALVES, Francisco das Neves. *Biografia e heroificação na Guerra do Paraguai: o papel do semanário A Sentinela do Sul*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra de Estudos Globais; Biblioteca Rio-Grandense, 2022.

³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867.

⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 24 maio 1868.

As biografias apresentadas pela *Sentinela do Sul* traziam em si um caráter profundamente laudatório em relação aos biografados, ao assumir o papel de verdadeira homenagem em relação às ações da personalidade colocada em evidência. Essas panegíricas homenagens biográficas promovidas pela folha porto-alegrense eram ligadas à tentativa de verdadeira glorificação de alguns dos atores sociais, intentando transformá-los em determinados exemplos de comportamento social, o qual deveria ser repetido e valorizado pelo conjunto da população. Nessa época, as biografias tiveram importante papel na construção da ideia de nação, ajudando a consolidar um patrimônio de símbolos feito de ancestrais fundadores, monumentos e lugares de memória⁵. Tal enfoque estava voltado a uma antiga concentração plutarquizada, às tumbas, aos panteões e aos personagens principais⁶.

Nesse sentido, o uso do biográfico voltava-se a satisfazer um desejo universal de manter vivas as memórias daqueles que teriam se distinguido da massa da humanidade⁷, ou ainda, a biografia trazia em si a intenção de querer fazer do personagem uma revelação

⁵ PRIORE, Mary del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. In: *Topoi – Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 8.

⁶ MADELENAT, Daniel. La biographie aujourd'hui : frontières et resistances. In: *Cahiers de l'Association internationale des études françaises*. Paris, v. 52, n. 1, 2000, p. 158.

⁷ LEE, Sidney. *Principles of biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1911. p. 7.

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

da essência da humanidade⁸. Com base em tal perspectiva, o homem ocupava uma posição ético-moral, voltada à realização de uma ideia, diante da qual aparecia como o portador, com vínculos à definição do patrimônio e da memória nacionais⁹.

Dessa forma, o emprego do biográfico trazia consigo o envolvimento de personalidades consideradas elevadas e capazes de forçar o destino¹⁰. Assim, as vivências humanas passavam a ser orientadas sob o peso das grandes decisões e das vidas dos grandes personagens na definição dos destinos¹¹. Nas páginas do periódico porto-alegrense aparecia uma biografia pública, exemplar, moral¹², ressaltando as vidas dos personagens ilustres, compostos como espelhos de

⁸ BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 226.

⁹ MUSIEDLAK, Didier. Biografia e história. Reflexões metodológicas. In: *Esboços – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis: UFSC, v. 13, n. 15, 2006, p. 104.

¹⁰ MALATIAN, Teresa Maria. A biografia e a história. In: *Cadernos CEDEM*. São Paulo: UNESP, v. 1. n. 1, 2008, p. 17.

¹¹ ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografia como género historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 11.

¹² LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 169.

exemplaridade moral¹³. Ficava então estabelecido um discurso de celebração, o qual desempenha um papel determinante, ao construir uma personalidade memorável¹⁴. Tais figuras passavam a ganhar terreno em tal percurso biográfico, vinculadas à transmissão do patrimônio nacional e à vontade de afirmação da consciência nacional¹⁵. Nessa linha, *A Sentinela do Sul* associou biografia e conteúdo encomiástico na construção de uma de suas mais recorrentes identidades editoriais.

Tais homenagens prestadas pelo periódico vinham ao encontro de uma prática bastante comum em meio à imprensa ilustrada e humorística no Brasil como um todo, incluindo inevitavelmente a sul-rio-grandense. Dessa maneira, por meio de estratégias textuais e imagéticas, o semanário praticou um jornalismo de natureza encomiástica. Equivalendo originalmente a um brinde ou um canto, o encômio viria a significar todo o escrito ou discurso que contivesse um elogio a uma pessoa. Termos correlatos às práticas encomiásticas eram o próprio elogio, o panegírico, a elegia, o treno, a trenódia.

Em alguns casos, tais presenças honoríficas traziam consigo um canto plangente em honra aos

¹³ OLIVEIRA, Maria da Glória. Para além de uma ilusão: indivíduo, tempo e narrativa biográfica. In: AVELAR, Alexandre de Sá & SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 59.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 290.

¹⁵ DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 179.

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

mortos, adquirindo um sentido especial vinculado à ideia de lamento e pranto, podendo ser acompanhado por um sentimento de admiração pelos mortos, ou ainda aparecendo como uma oração fúnebre, vinculada ao costume popular de chorar os defuntos¹⁶. Quando associado à morte, o registro encomiástico expresso por meio da imprensa cumpria uma função fundamental relativa à publicidade quanto à finitude da vida¹⁷, em um quadro pelo qual, as recordações do falecido vinham a traduzir uma forma figurada da continuidade de sua presença no mundo¹⁸. Levando em conta tal enfoque, ocorria um verdadeiro culto à memória do morto¹⁹, trazendo ao mesmo uma espécie de sobrevida, ainda mais evidenciada nos casos em que se tratava de personagens considerados ilustres²⁰, como se tornou comum em meio à imprensa humorístico-ilustrada²¹. O fim da existência aparecia assim relacionado com o apelo

¹⁶ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 171-172, 167 e 499.

¹⁷ ARIÈS, Philippe. *O homem perante a morte*. Sintra: Europa-América, 2000. p. 29.

¹⁸ RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. p. 18.

¹⁹ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 100.

²⁰ GIACIOIA JÚNIOR, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. In: *Medicina* (Ribeirão Preto) 2005; 38 (1), p. 19.

²¹ ALVES, Francisco das Neves. *Periodismo ilustrado-humorístico rio-grandino: Bisturi – encômios e decepções*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra de Estudos Globais; Biblioteca Rio-Grandense, 2025. p. 12-13.

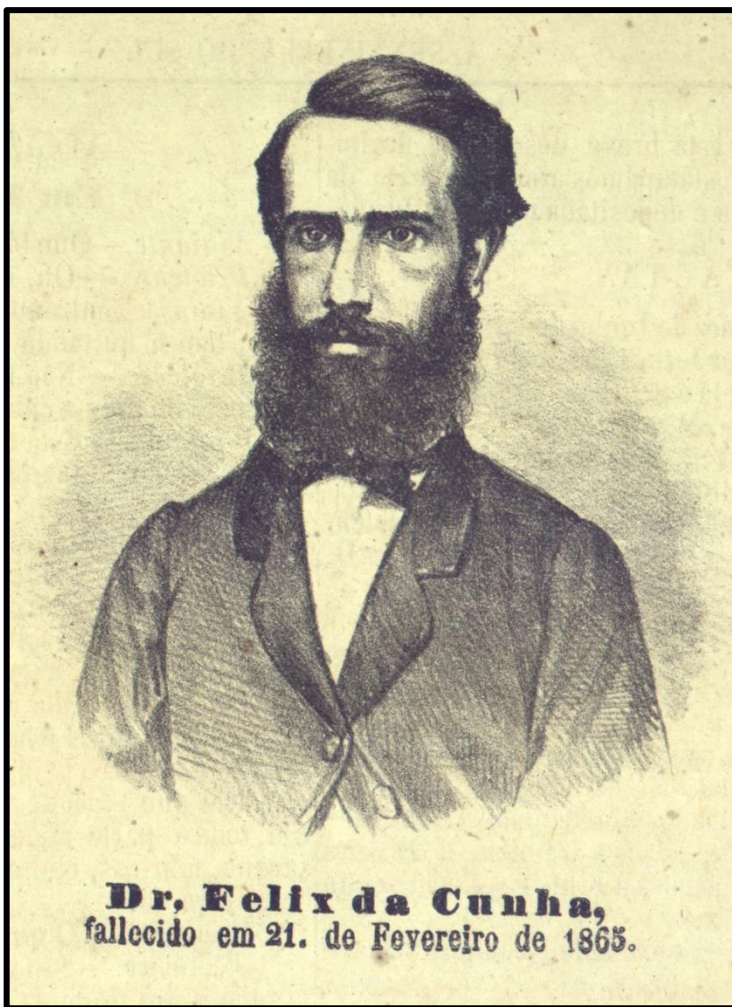
à memória coletiva por meio da associação entre o trabalho da lembrança e o trabalho do luto²².

Uma das primeiras homenagens panegíricas da *Sentinela do Sul* foi de natureza póstuma, direcionada ao escritor Félix da Cunha. A folha referia-se ao momento em que “a pátria riscava um nome da página dos seus grandes homens vivos e perdia uma existência que também era uma glória sua”. Notificava assim que “partira deste enganoso mundo a grande alma do tribuno, do orador, do poeta” e do “mancebo que, em idade ainda bem tenra, tamanhas esperanças despertara à pátria”. A publicação trazia alguns detalhes sobre a ação intelectual e política do homenageado, garantindo que “a pátria conserva o seu nome entre as suas tradições mais caras”, pois durariam “eternamente as suas obras, palavras e grandes e generosas ideias”. Nessa linha, o periódico justificava que “na galeria de retratos de brasileiros e rio-grandenses ilustres que vamos dando ao público”, incluía “logo no princípio o busto de Félix da Cunha”, considerado como um “guerreiro das lides intelectuais” e um “herói no combate das ideias”. Em relação à memória do personagem exaltado, a folha propunha o erguimento de um monumento, que “a província não pode, não deve deixar em esquecimento”, constituindo tal atitude em uma das “dívidas sagradas que os povos contraem e que devem ser pagas”²³.

²² RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. p. 85-86.

²³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 14 jul. 1867.

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

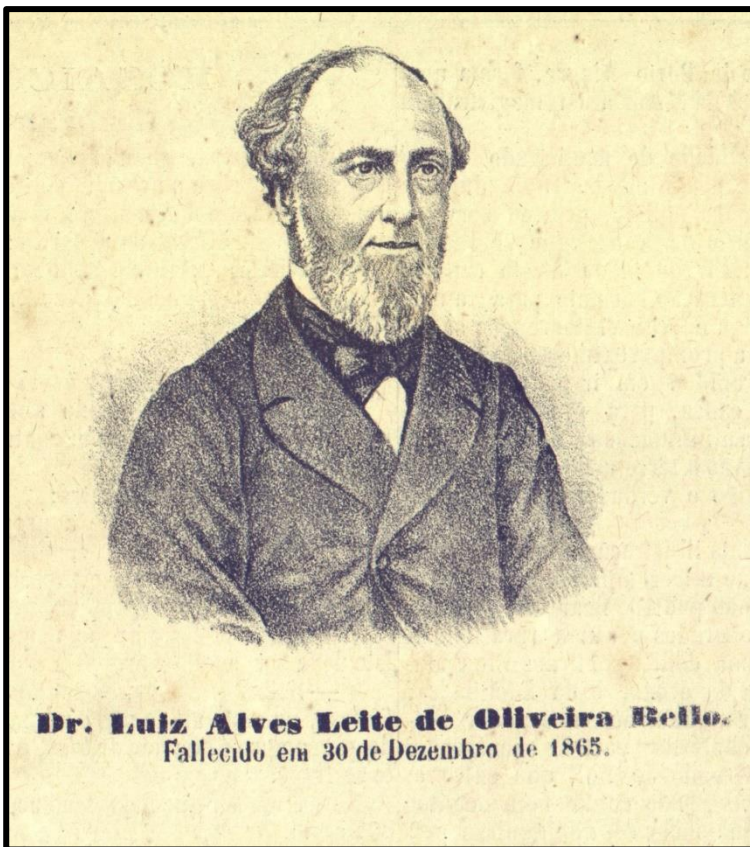


Outro elogio fúnebre prestado pelo
hebdomadário porto-alegrense voltou-se ao
desembargador Luiz Alves Leite de Oliveira Belo.
Retomando um de seus fulcros nas homenagens de

natureza panegírica, a folha destacava que a província seria “fecunda em grandes homens”, mas que, dentre eles, além dos “heróis nos combates” e dos “chefes nas lides guerreiras”, também contariam os “estadistas e homens políticos”, demarcando que, afora os militares, havia igualmente a necessidade da recordação, “com respeito e veneração”, dos “seus filhos” que atuaram “no parlamento, nos conselhos da coroa e na alta administração”. Dentre eles estaria o “busto simpático” do homenageado, apontado como “um dos estadistas mais distintos do Império” e “um dos filhos mais ilustres desta província”. O semanário discorria sobre a carreira da personalidade em pauta, com ênfase à “honestidade política” e ao “patriotismo” do mesmo, de modo que os seus “serviços”, a sua “ilustração”, bem como o “tanto amor” e a “dedicação ao país”, não poderiam “ficar em esquecimento”. Diante disso, concluía, que “a província do Rio Grande ainda chora a prematura morte de seu ilustre filho”, de maneira que “nós prestamos uma fraca homenagem à memória do finado desembargador Belo, apresentando os nossos leitores com o seu retrato”²⁴.

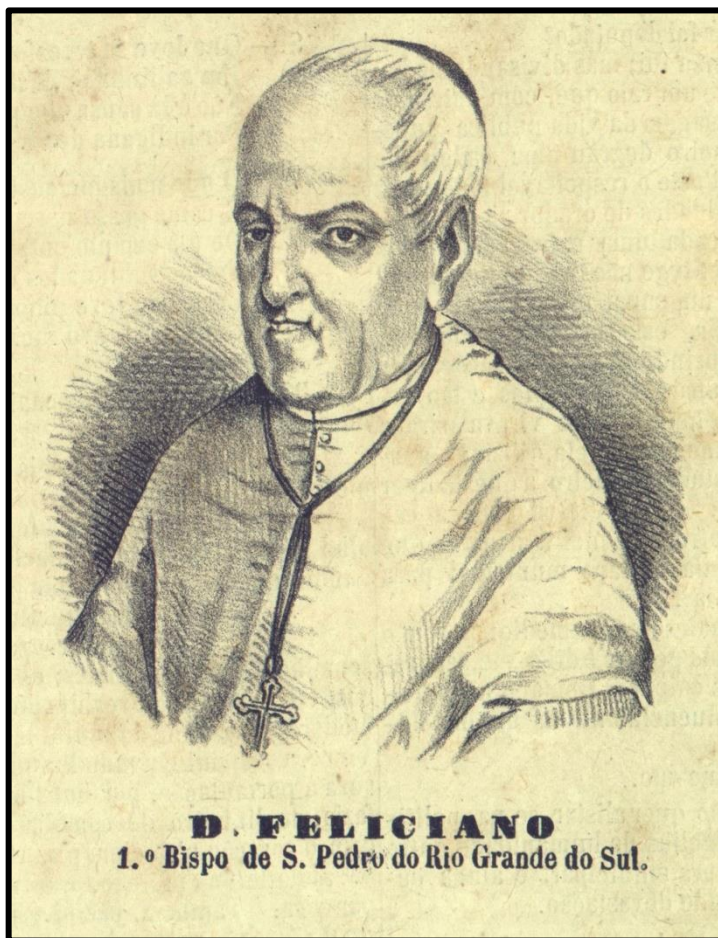
²⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 28 jul. 1867.

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE



Um outro personagem que perdera a vida também esteve entre os destacados pela folha, tratando-se do primeiro bispo da província, Feliciano José Rodrigues Prates. Frente a ele, a redação garantia que “*A Sentinela do Sul* faltaria ao mais sagrado dos seus deveres se deixasse de dar em suas colunas um lugar de honra ao santo varão”, o qual “nunca deixou de se mostrar sublime na humildade e no amor evangélico ao

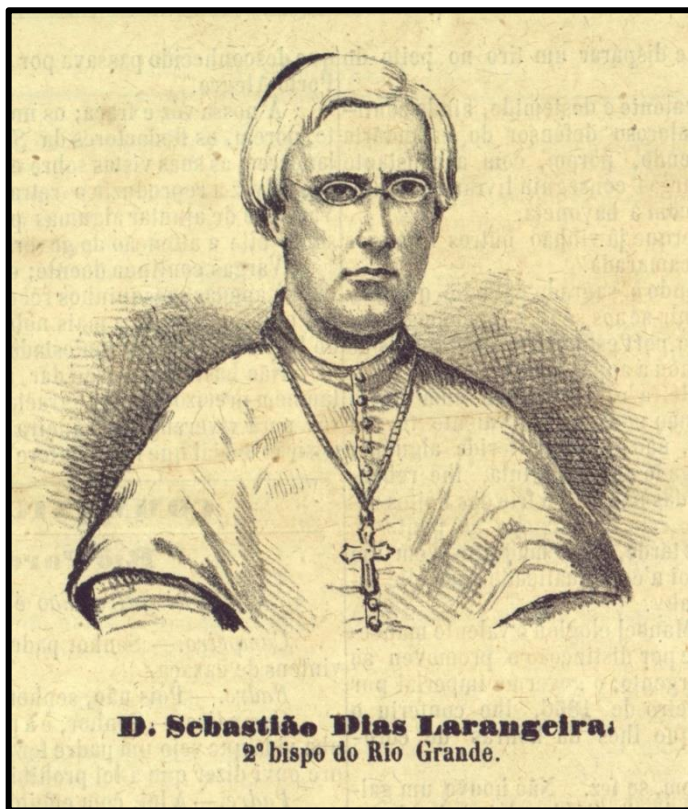
próximo". Nessa linha, a folha apresentava "o busto do venerando ancião", acrescentando "algumas notícias biográficas acerca do ilustre prelado", que seria alvo de "imorredoura recordação" e de "eterna saudade"²⁵.



²⁵ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 11 ago. 1867.

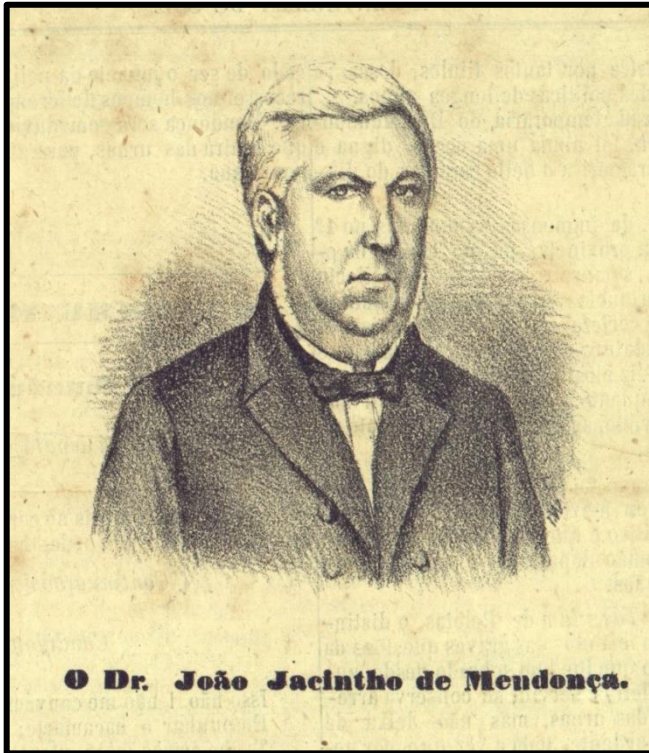
DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

Ainda no âmbito religioso, houve ênfase ao segundo bispo gaúcho, Sebastião Dias Laranjeira, trazendo dados acerca de sua atuação e demarcando que se tratava de “um prelado de reconhecido mérito e ilustração”, bem como “austero nos costumes” e “zeloso na observância da disciplina”, além de ter “muita erudição”, sendo “membro de diversas associações literárias na Europa”²⁶.



²⁶ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 25 ago. 1867.

O médico e político João Jacinto de Mendonça foi mais um dos enaltecidos pela publicação porto-alegrense, que discorreu sobre sua ação no campo político-administrativo. Nessa linha, a folha pretendia prestar “um justo tributo às eminentes qualidades do ilustre estadista e parlamentar”, presenteando os leitores “com o seu retrato e nas palavras que vamos traçar”, de modo que assim estaria a constituir um intérprete “dos sentimentos que animam os rio-grandenses”²⁷.



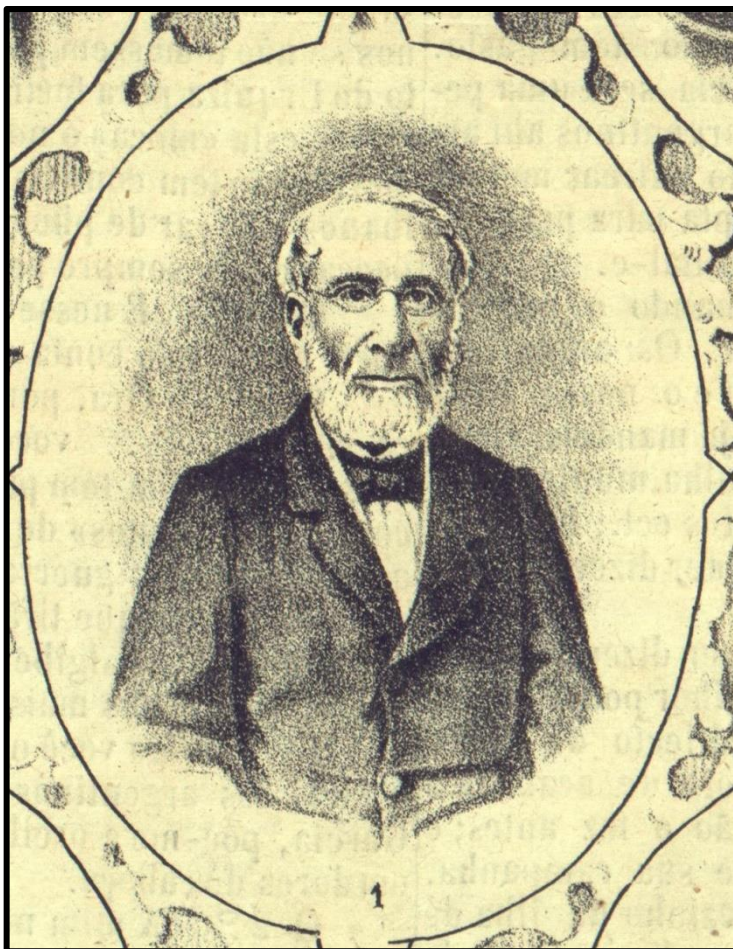
²⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 set. 1867.

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

A partir do final de setembro de 1867, *A Sentinela do Sul* passou a estampar os retratos dos deputados provinciais sul-rio-grandenses, anunciando que encetaria “a publicação dos trabalhos biográficos relativos aos membros da Assembleia Legislativa Provincial”, propondo-se a esboçar a “vida pública” de cada um “em rápidos traços”. Nessa linha, ressaltou a atuação política de: (1) Joaquim Vieira da Cunha que “tem merecido por mais de uma vez a honra de presidir os trabalhos” da casa parlamentar gaúcha; (2) Gaspar Silveira Martins, que estaria “destinado pelos seus elevados merecimentos a representar um grande papel na história política do seu país”; (3) Egídio Barbosa de Oliveira Itaqui, alocado dentre a “plêiade brilhante dos talentos mancebos que representam a província”, que teria conquistado “a popularidade, a consideração e a atenção” dos sul-rio-grandenses; (4) Timóteo Pereira da Rosa, apontado como “simpático rio-grandense”, que estaria “rodeado das amizades e consideração”, que teriam sido conquistadas “pelas suas virtudes e elevados merecimentos, como também pelo seu talento e aplaudido critério”; e (5) Pedro Maria de Oliveira, sobre o qual eram destacados “a reflexão, a moderação e os mais severos princípios políticos”, considerados como “os ornamentos e atributos que distinguem o caráter privado e público” do político²⁸.

²⁸ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 29 set. 1867.

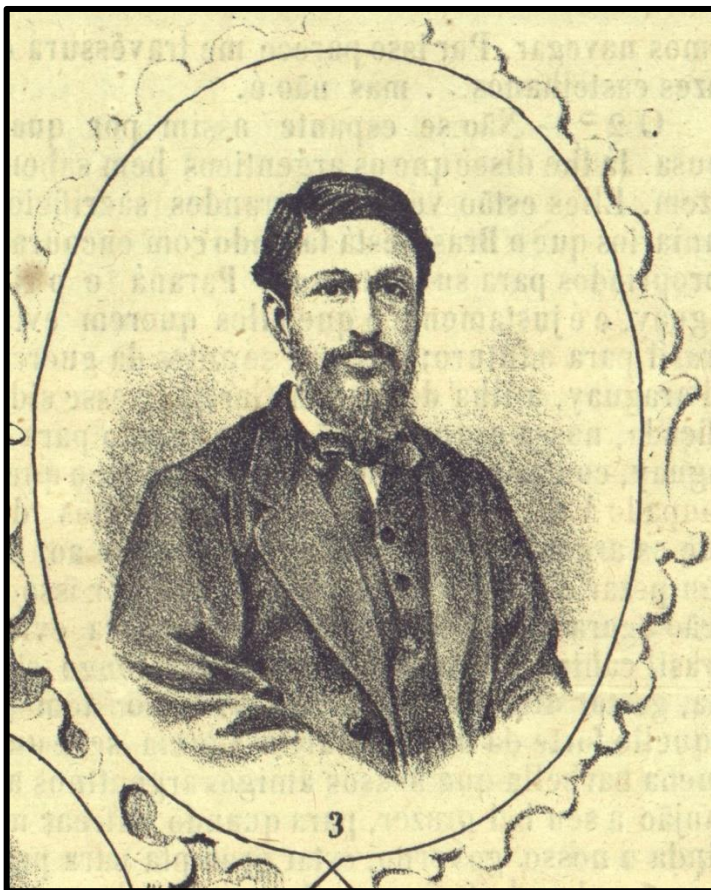
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

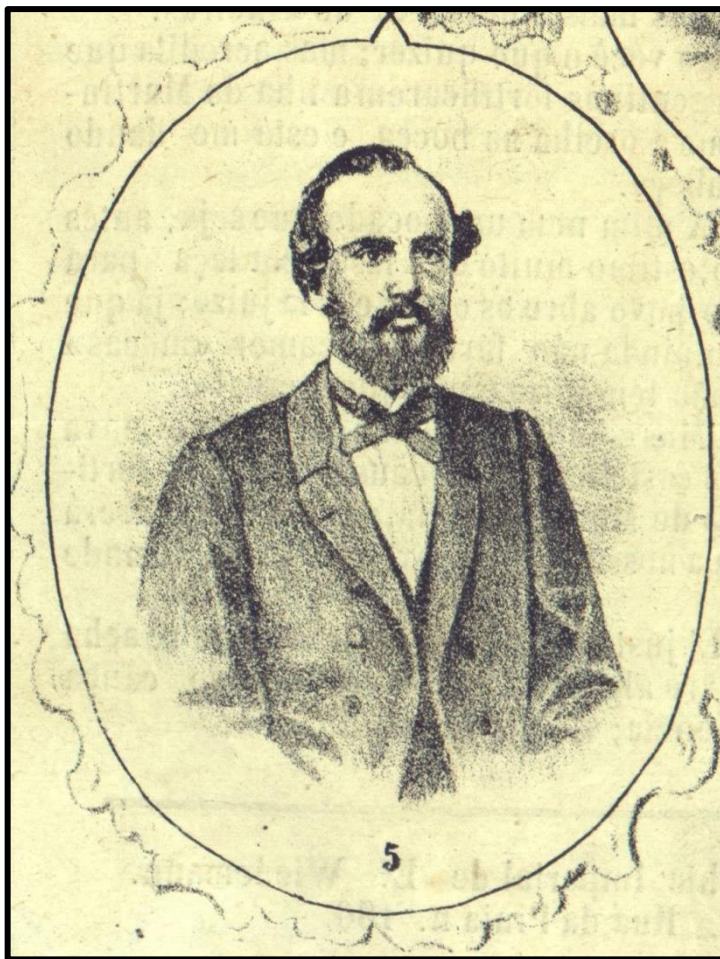


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE





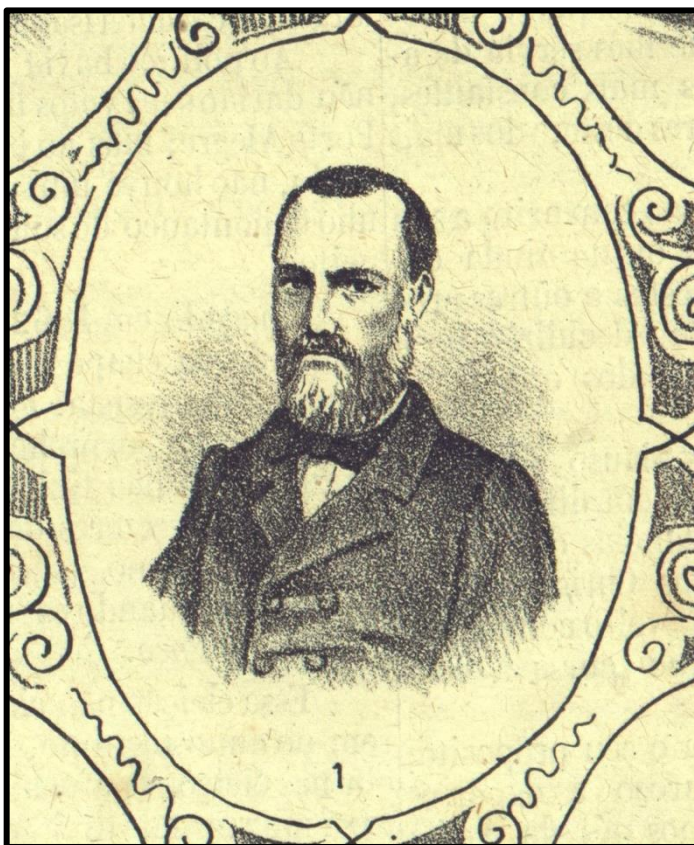
Os membros da Assembleia Provincial voltavam a figurar na edição seguinte da *Sentinela*, com destaque para os seguintes deputados: (1) José Bernardino da Cunha Bittencourt, apresentado como “médico de

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

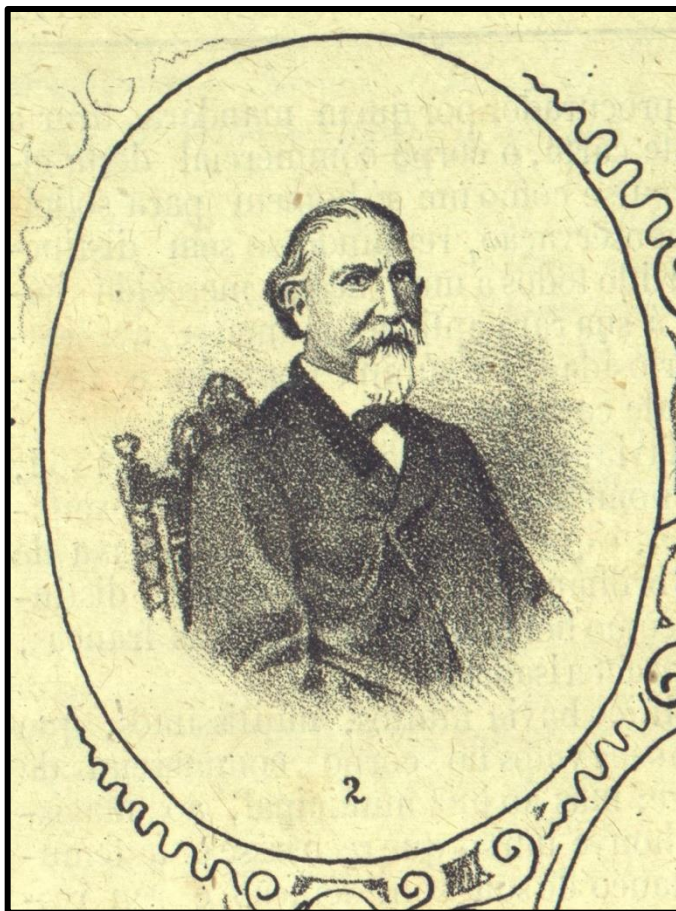
grande ilustração, vasto saber e longa prática”, que “goza de bem merecida reputação como hábil e distinto profissional”, ao passo que na “carreira política” contara “há longos anos” com o “merecido sufrágio dos seus comunicípes”, sendo ainda “orador de mérito” e com dotes de “erudição, talentos e saber”; (2) Felipe Bethézé de Oliveira Neri, apontado como militar, jornalista e político, contando com “vasta inteligência, erudição, concepção rápida, palavra sonora e fluente”; (3) Emílio Valentim Barrios, descrito como “um de nossos políticos mais novos”, sendo expressas “duas palavras sobre o seu breve passado”, com carreira na imprensa, na magistratura e no parlamento, aparecendo como “orador correto e animado, escritor fluente e erudito”, tornando-se “respeitável figura e “um dos homens a quem esperam maiores destinos no Rio Grande”; (4) José Feliciano Fernandes Pinheiro, cuja biografia seria “difícil” de escrever”, pois, ao contrário de “fazer alarido” de si mesmo, o personagem preferia “ocultá-los”, vindo a ser qualificado como um “tipo de honestidade política, fiel e firme como a expressão mesma da lealdade” e, enfim, como “um perfeito homem de bem”; (5) João Pires Farinha, médico e militar, que estava servindo na campanha do Paraguai, cuja “entrada na atividade política data de pouco tempo relativamente”, tornando-se deputado, mas que, tendo em vista “seus deveres de médico e soldado” teriam lhe “afastado do parlamento”²⁹.

²⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 6 out. 1867.

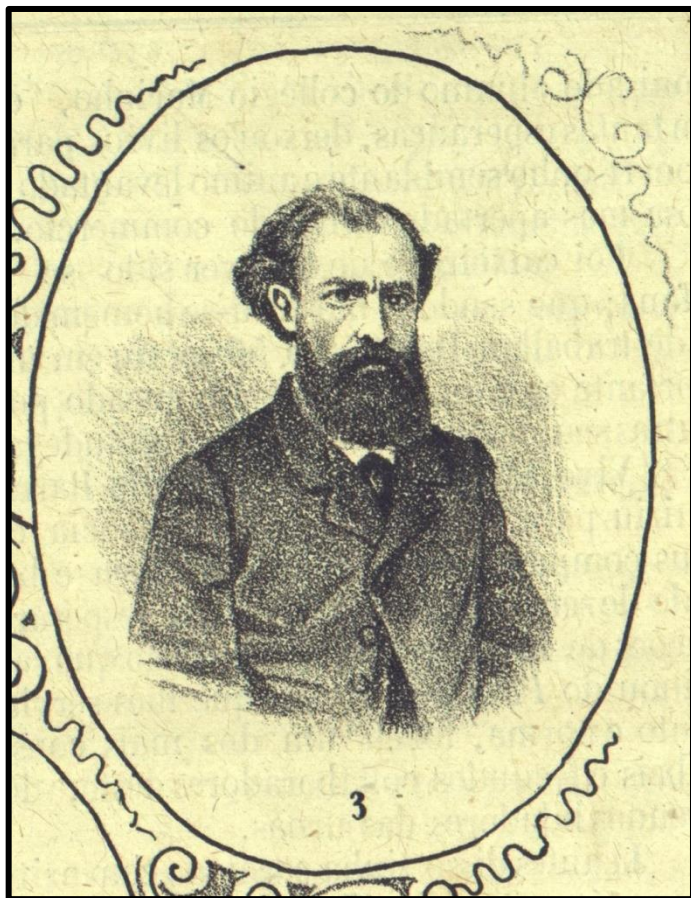
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



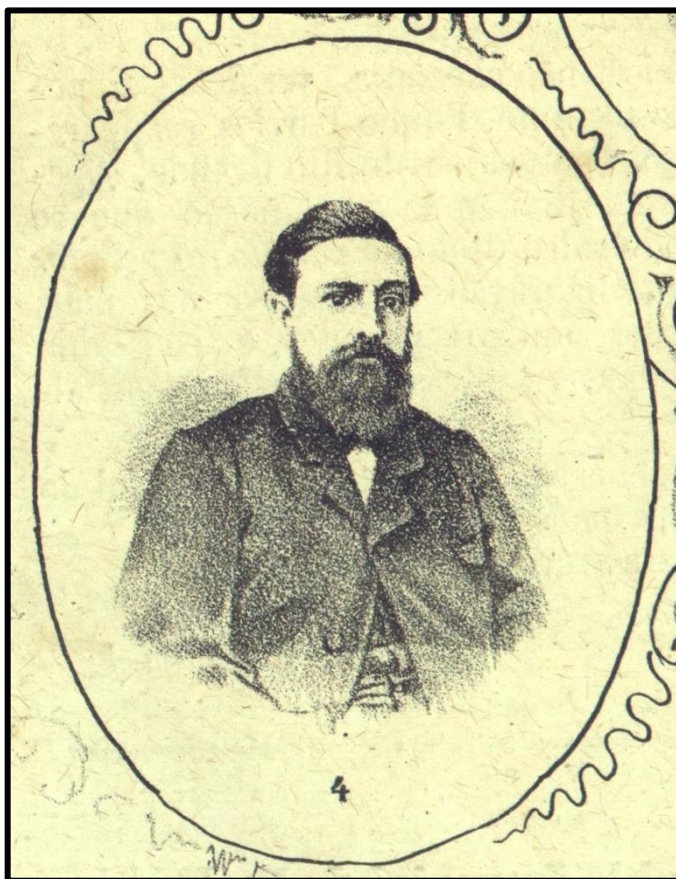
DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE





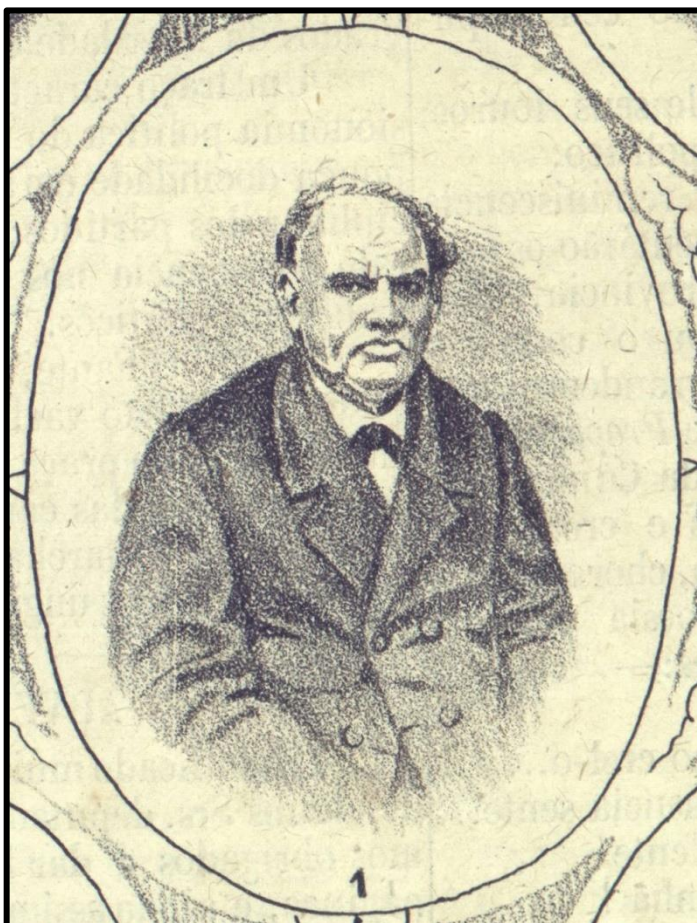
Outros componentes do corpo legislativo gaúcho também compuseram o arrolamento estabelecido pelo periódico ilustrado-humorístico porto-alegrense: (1) Ernesto Frederico de Werna Bilstein, com carreira na vida militar do país, havendo destaque para suas

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

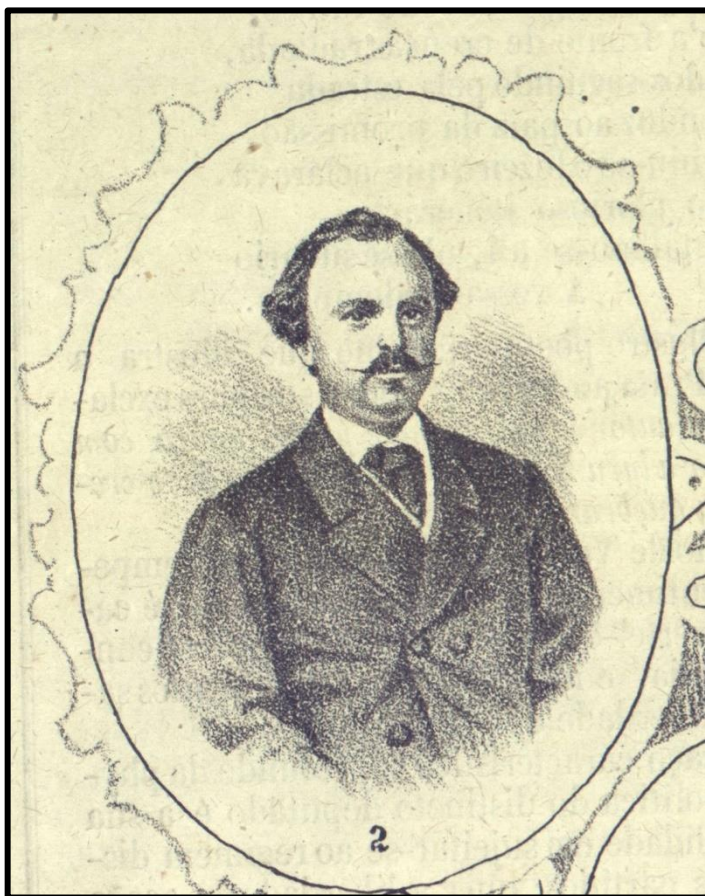
progressivas promoções, além de sua atuação parlamentar, com destaque para a consideração de que prestara “sempre relevantíssimos serviços” no âmbito provincial; (2) Henrique Francisco D’Ávila, descrito como “um nome que a província inteira conhece”, de maneira que “o biógrafo podia dispensar-se de lhe esboçar os traços, ao lembrar esses quadros que o povo conhece e que trazem por única legenda o nome do retratado”, uma vez que possuía “todos os dotes naturais para impor na tribuna os aplausos amigos, a atenção dos adversários e as simpatias populares”, vindo a gozar, “por estes predicados, o justo conceito de consumado orador e amestrado parlamentar”; (3) Florência Carlos de Abreu e Silva, de “curta vida política”, mas pertencente ao “grupo de valentes lidadores da imprensa e da tribuna que combatem à luz da inteligência e com as armas invencíveis da eloquência e do direito”, vindo a conquistar “na tribuna provincial um brilhante lugar entre os mais distintos oradores, que honram com eloquência e pureza de ideias”; (4) Miguel Pereira de Oliveira Meireles, sobre o qual não foram apresentados dados, havendo a publicação de uma advertência por parte da redação quanto ao afanoso trabalho na obtenção de informações biográficas; (5) Inácio de Vasconcelos Ferreira, cuja biografia foi esboçada “em rápidos traços”, com ênfase à atuação literária e ao desempenho político, no qual teria “o estro temperado nos sentimentos das paixões”, sendo “capaz de convertê-lo em instrumento de guerra contra a tirania”³⁰.

³⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 13 out. 1867.

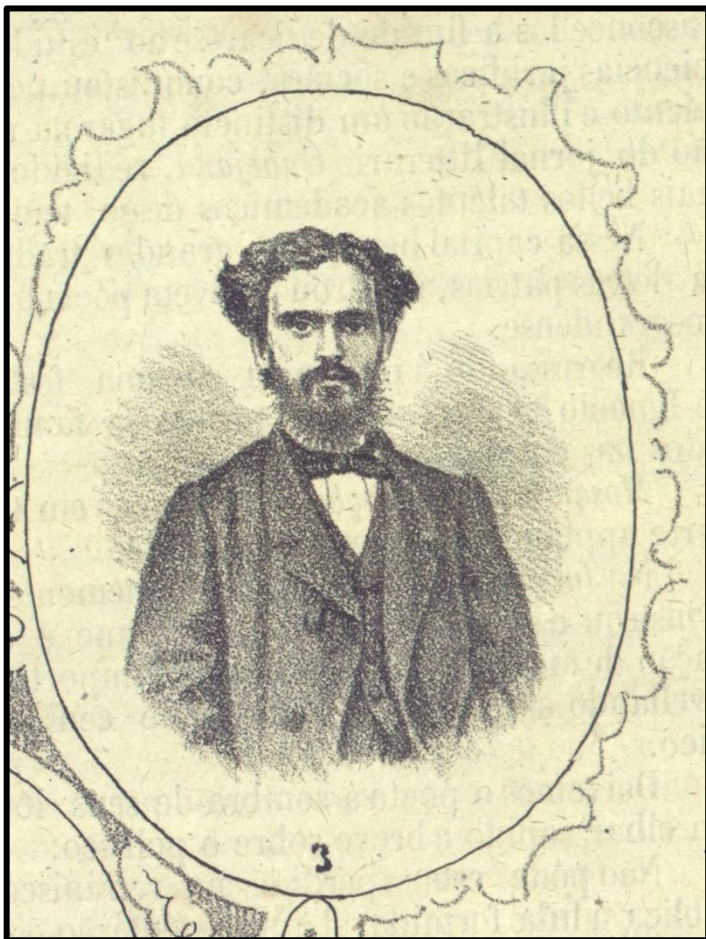
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



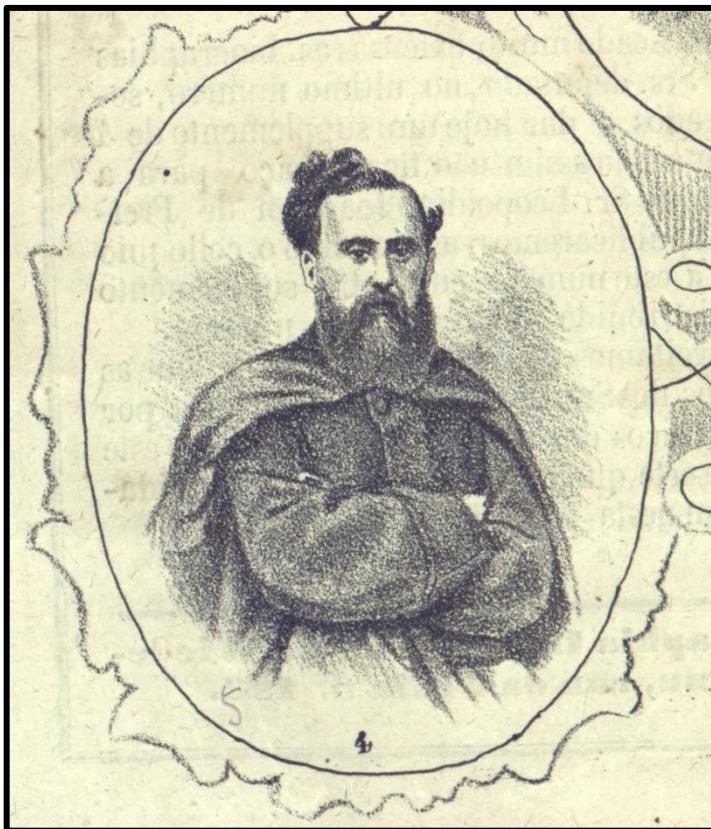
DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

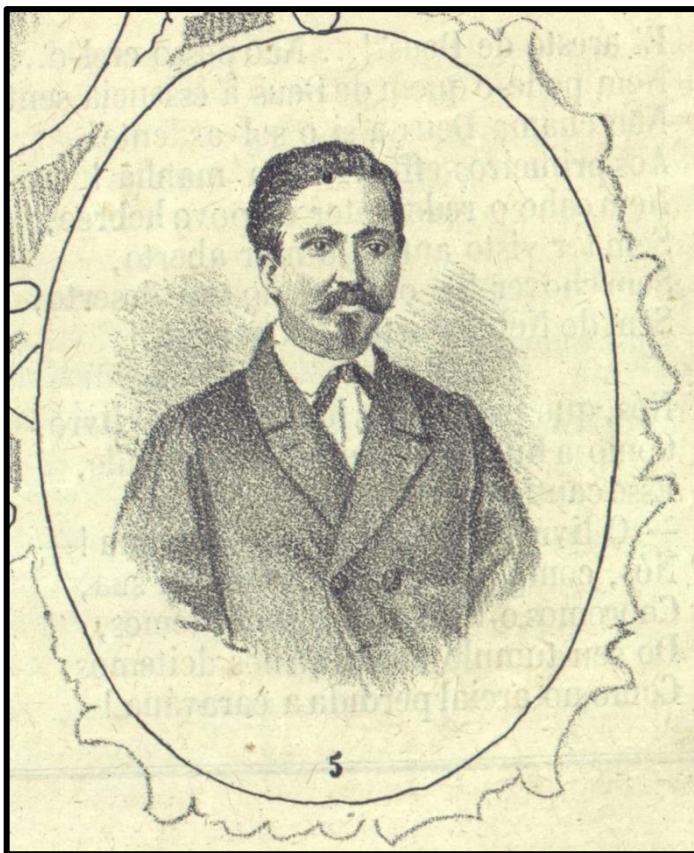


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE





O funcionário público Leopoldino Joaquim de Freitas também figurou dentre os destaques da *Sentinelado Sul*, segundo a qual ele estaria “na fileira dos vultos brasileiros que esta heroica terra se orgulha de contar no número dos seus filhos”, considerado como um “tipo talhado à romana”, bastando para “bosquejar” os seus “traços” observar “o colorido do brilho do seu nome”.

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

Tal indivíduo teria “reconhecidos bons serviços, ao Estado”, como servidor público e político, de modo que “a província conhece-o perfeitamente e se ufana de ter sido o seu berço”, havendo o “desejo invencível” do periódico em prestar-lhe “homenagem do mais subido respeito e veneração” à sua “inteligência, ilustração, ferrenha assiduidade ao trabalho e honradez exemplar”³¹.



³¹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 13 out. 1867.

O secretário do governo provincial João José do Monte Júnior levou o semanário “a prestar-lhe sincera e bem merecida homenagem, oferecendo o seu retrato aos leitores”. Tal personalidade era apontada como pertencente a uma “plêiade brilhante de talentosos mancebos”, além de ser considerado como “inteligente, laborioso” e “essencialmente trabalhador”, contando com “a independência e honestidade do seu caráter”, além de “sua severa economia, a energia e dignidade com que exerce as suas funções”, o que lhe tornaria “um empregado modelo”. O arrolamento de deputados voltou a se fazer presente nas páginas da publicação, com a presença de: (1) Eleutério Augusto de Ataíde, descrito como “um dos mais distintos da atual legislatura”, tendo “merecimento real e bons serviços prestados ao país” como “predicados que o recomendam junto aos seus companheiros e que o trouxeram à cadeira de legislador da província”, com destaque para a sua carreira pública; (2) Manoel Lourenço do Nascimento, apresentado como portador de “bela inteligência” e do “dom palavra”, como “orador nato”, que “sabe convencer e arrastar consigo o auditório”, além da ênfase ao “seu patriotismo e seu interesse pelo bem público”; (3) Silvestre Nunes Gonçalves Vieira, parlamentar que estaria dentre os “mais firmes e dedicados campeões”, sendo citados dados sobre sua ação militar e política; (4) Luiz da Silva Flores Filho, médico, militar e político, com “relevantíssimos serviços prestados”, trazendo em si a perspectiva de “ocupar a tribuna com distinção condigna dos seus talentos e do seu caráter”; (5) Domingos Francisco dos Santos, militar de formação, mas que, desde cedo, se sentiu “atraído irresistivelmente para o campo da política”, chegando a

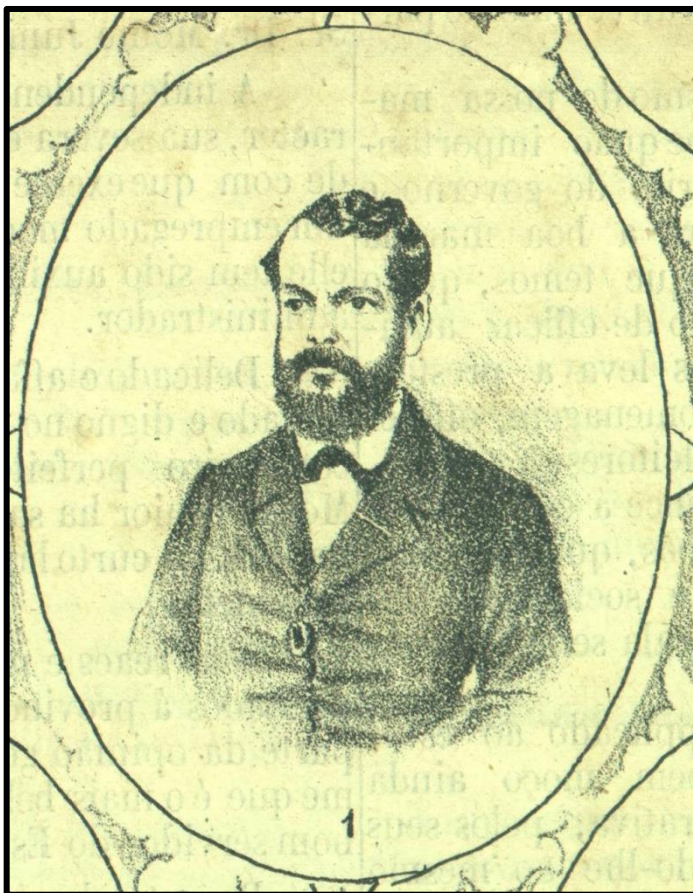
DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

contar com “a glória de ver seu nome sair triunfante das urnas”, tornando-se “notável em política pela firmeza e convicção com que defende as ideias que professa”³².

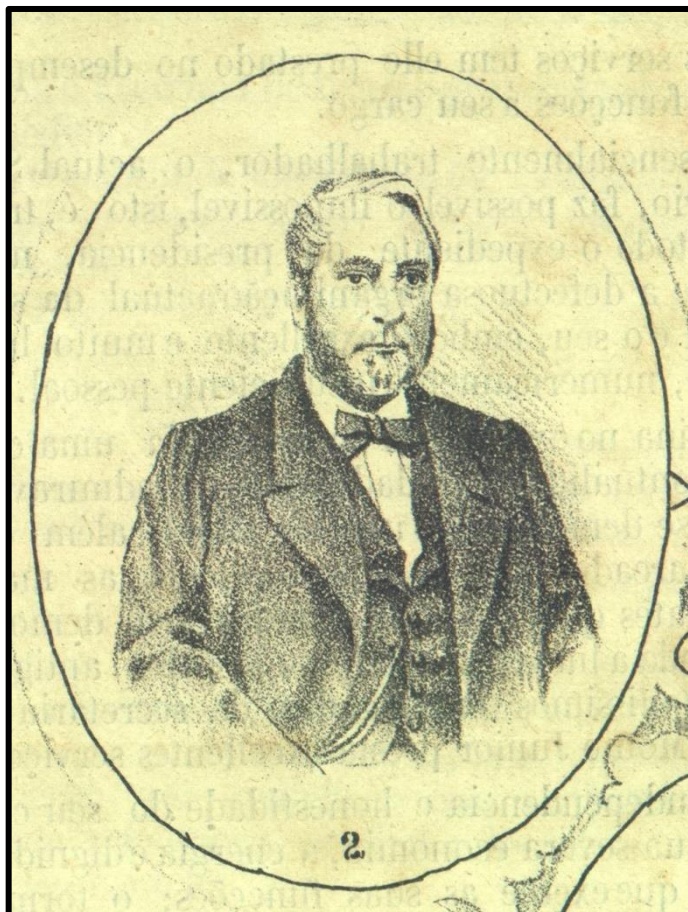


³² A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 13 out. e 20 out. 1867.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



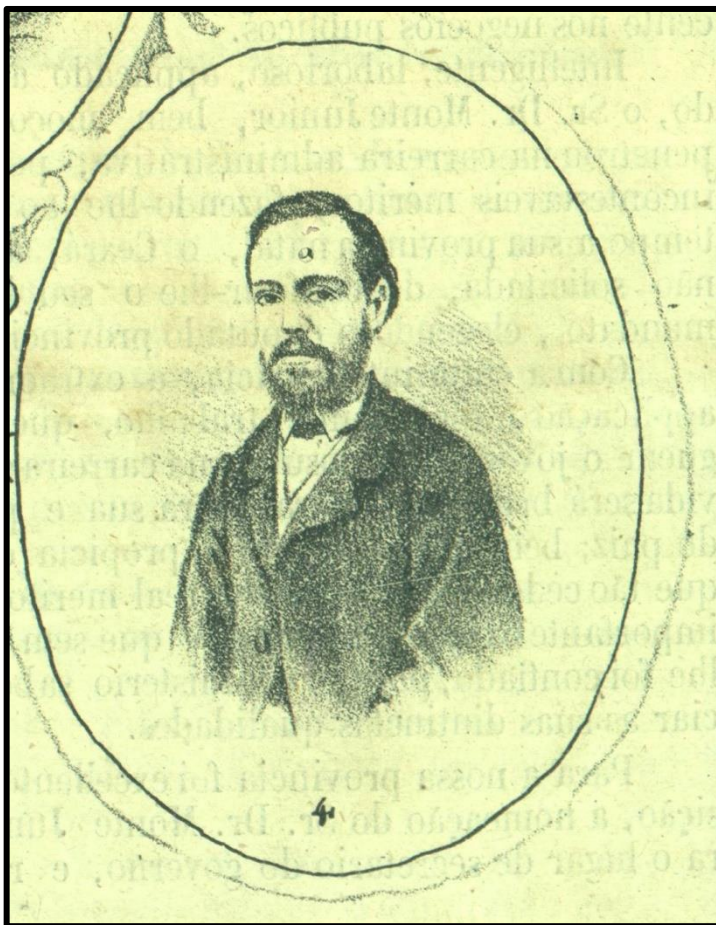
DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

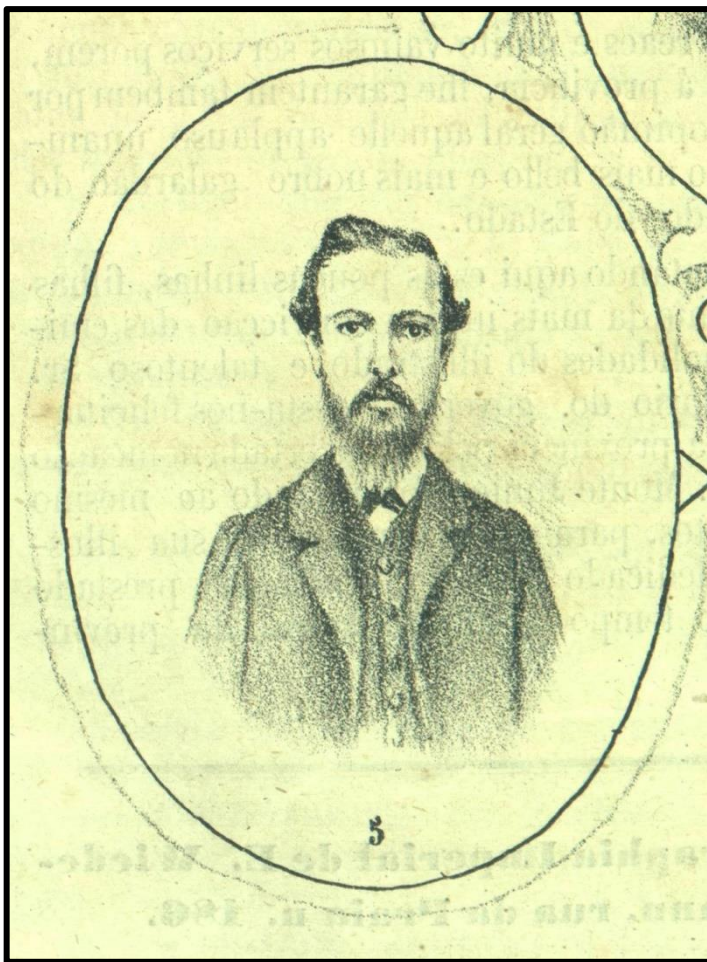


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE





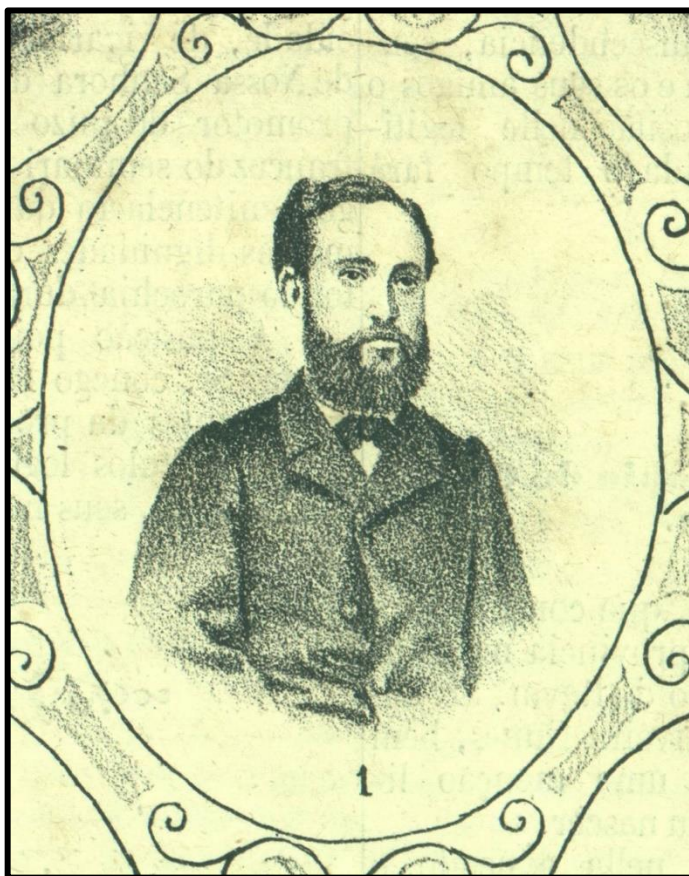
Uma nova leva de parlamentares provinciais foi alocada nas páginas da *Sentinela*, que destacou: (1) Francisco Nunes de Miranda, engenheiro e político, que contaria com “nobres carâteres”, por preferir “sempre o

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

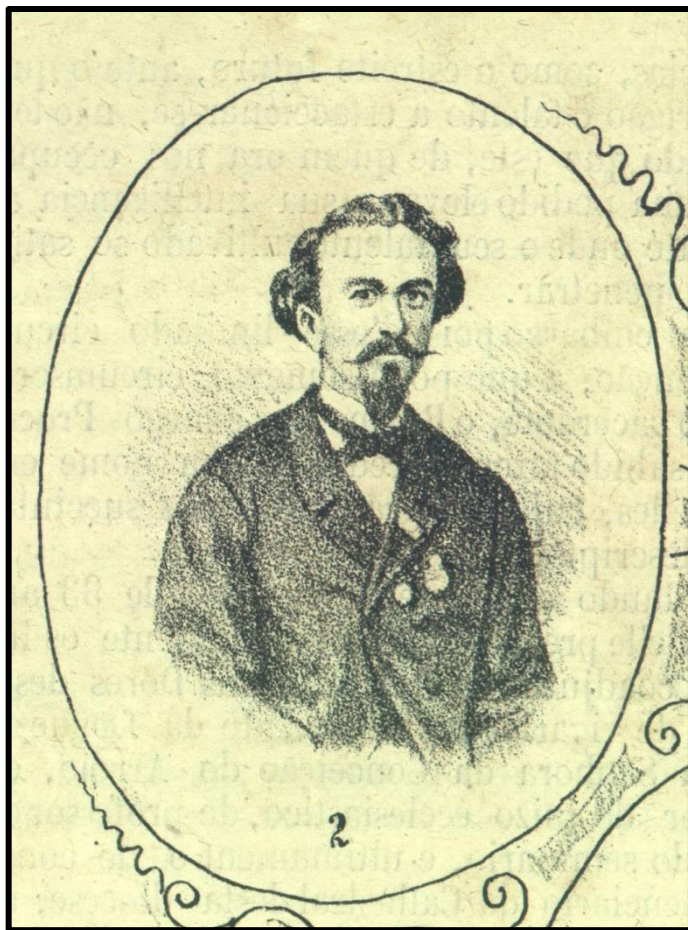
bem público ao particular”, tendo “somente por guia a consciência” e “como regra a justiça e moralidade”, que usava “sua palavra autorizada e eloquente para profligar o vício, acoroçoar a virtude e propugnar por todos os melhoramentos morais e materiais de sua província”, contando seu nome “com imarcescível aureola de glória”, na qualidade de “cruzado do progresso e da civilização”; (2) Pedro Maria Amaro da Silveira, militar que teria prestado “valiosíssimos serviços” à nação, e “político essencialmente honesto, perfeito homem de bem, cavalheiro ilustrado e inteligente, que ocupava “o seu lugar de deputado com honra e dignidade”; (3) Joaquim Procópio Nunes de Oliveira, clérigo e político, que contava com “inteligência” e “talento cultivado”, sendo colocado “entre os dignos representantes da província, justamente firmada nos títulos legítimos de uma reputação fundada em seus honrosos precedentes”; (4) Sebastião Rodrigues Barcelos, político e promotor público, que contava com “nobreza e elevação de caráter” e com uma “vida pura e sem mancha” e “a coragem com que se apresenta em campo para defender a suas ideias”, além da “invencível lógica de sua argumentação” e de “seus múltiplos conhecimentos em matéria jurídica e literária”; (5) Afonso Guimarães Júnior, promotor, juiz e político, descrito como “moço inteligente e estudioso”, que viria a fazer “bonita figura em nossa assembleia”, havendo nele “legítimas esperanças que sem dúvida o tempo fará amadurecer”³³.

³³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 27 out. 1867.

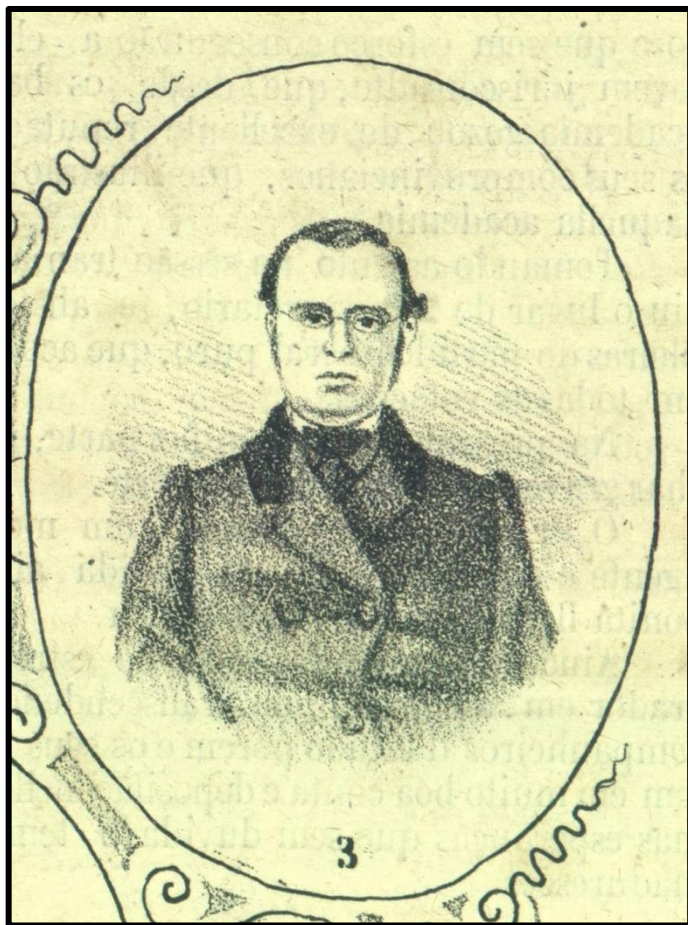
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



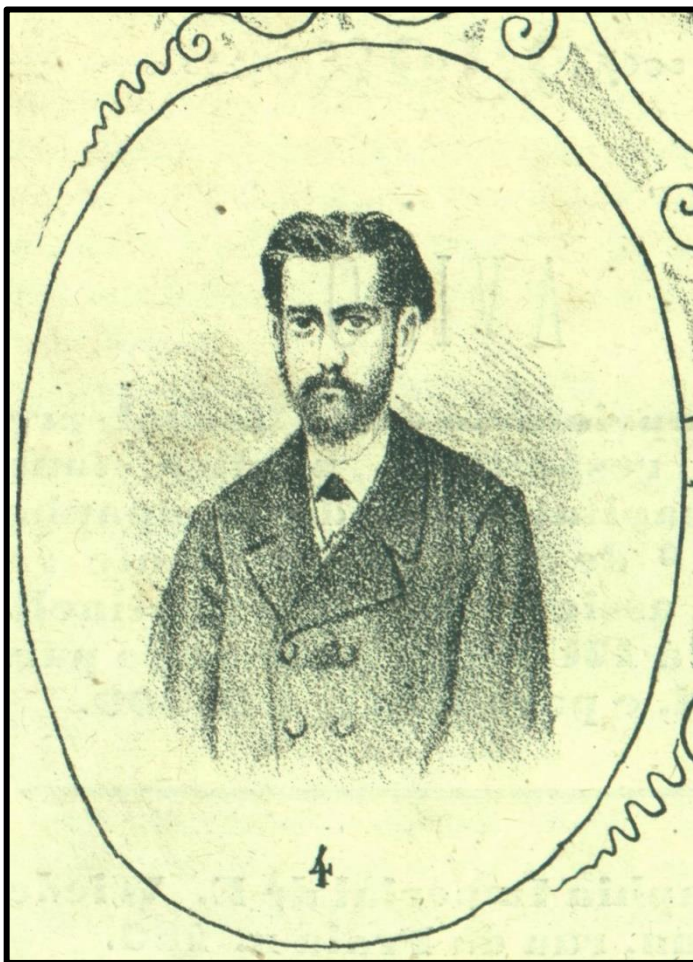
DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

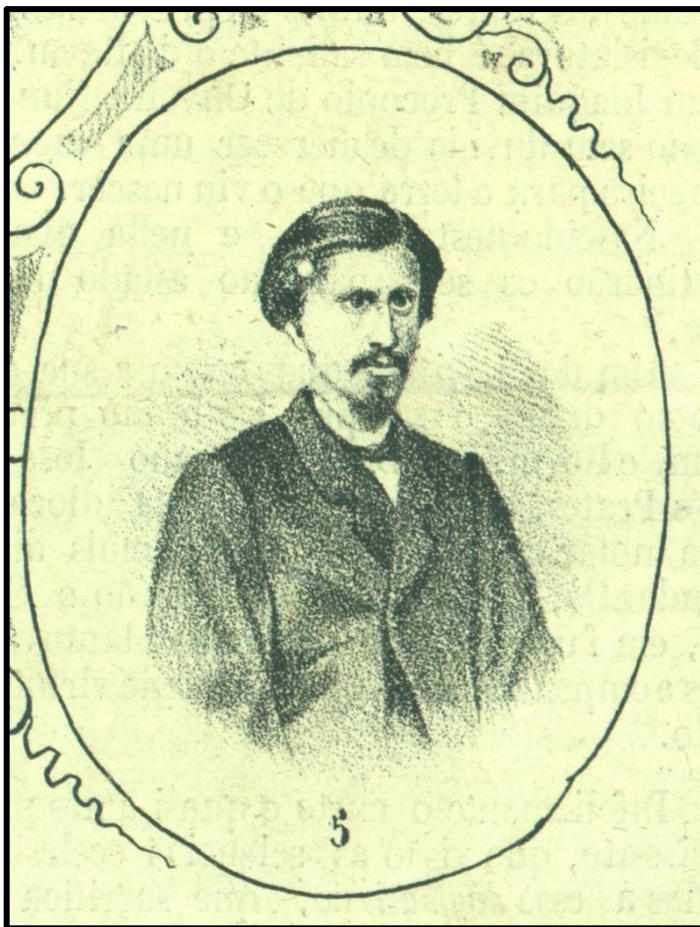


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE





O último arrolamento de membros da Assembleia Provincial publicado pela *Sentinela do Sul* contou com: (1) José Gomes Portinho, pecuarista, militar e político, apontando como “um dos rio-grandenses que faz honra ao seu país natal”, com “serviços notoriamente

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

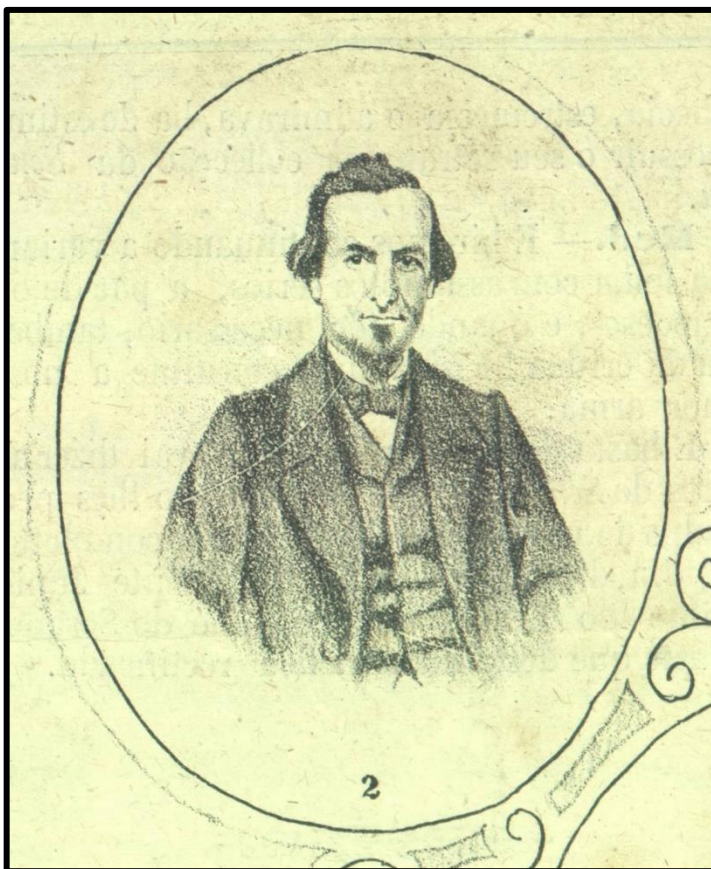
sabidos”, vindo a contar com “a estima de seus comprovincianos, por suas virtudes cívicas, privadas e, sobretudo, por sua proverbial honradez e honestidade”, vindo a constituir “um dos caracteres mais nobres e mais distintos, de que pode vangloriar-se a nossa pátria”; (2) Firmiano Antônio de Araújo, com formação na área farmacêutica e atuação como intelectual e político, que passou a contar com “o voto unânime de uma população” que o “estima e respeita” por sua “inteligência, honestidade, modéstia, assiduidade no trabalho” e “firmeza de caráter”, tendo igualmente uma “vida modelo”, tendo “atravessado incólume os mares tempestuosos da política, merecendo em tão extenso e difícil caminho o respeito de todos e a estima dos bons”; (3) Antônio José de Moraes Júnior, promotor público e juiz de direito, que contava com “independência de caráter”, bem como de “lealdade e inteireza de princípios”, vindo a ser “o patrono de que tudo que é justo, honesto e digno”; (4) José Pinheiro de Ulhôa Cintra, experiente militar e político, que “conserva uma reputação de inteligência e ilustração digna de inveja”, sendo também “orador de lógica cerrada e edição fluente”, de maneira que, “em suas palavras” e “em seus argumentos se encontram casados o verdadeiro e o belo”; (5) Francisco de Paula Soares, político e professor, com “relevantes serviços à instrução pública”, constituindo um “pensador profundo”, que “revela o fino tino que o distingue”, além de ser “trabalhador, ativo, inteligente e afeito às lutas da vida”, atuando politicamente “para curar da prosperidade da deserdada Rio Grande”³⁴.

³⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 3 nov. e 10 nov. 1867.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



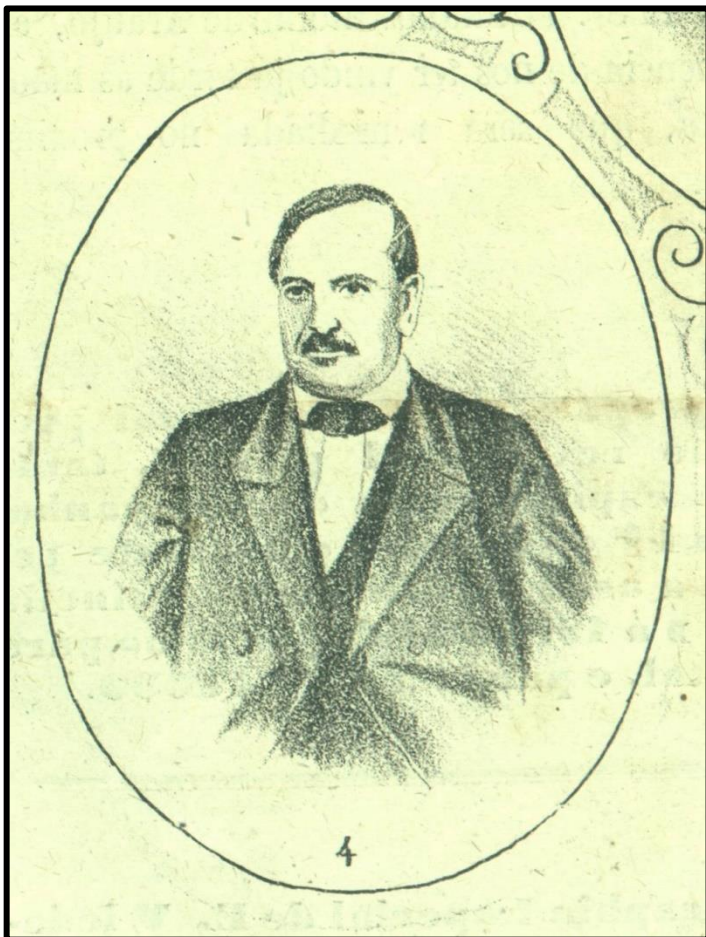
DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

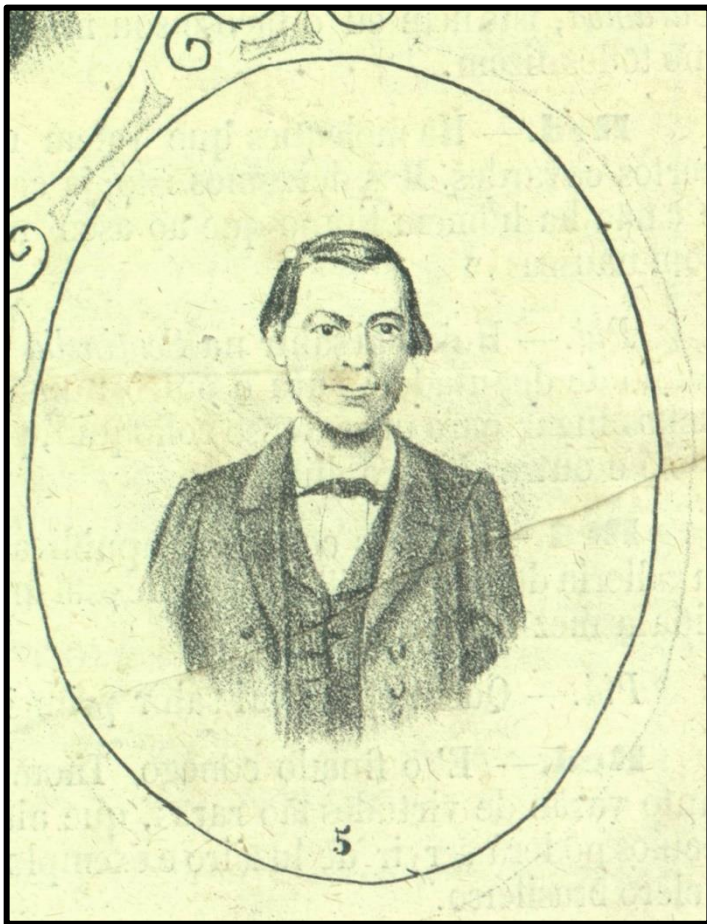


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE



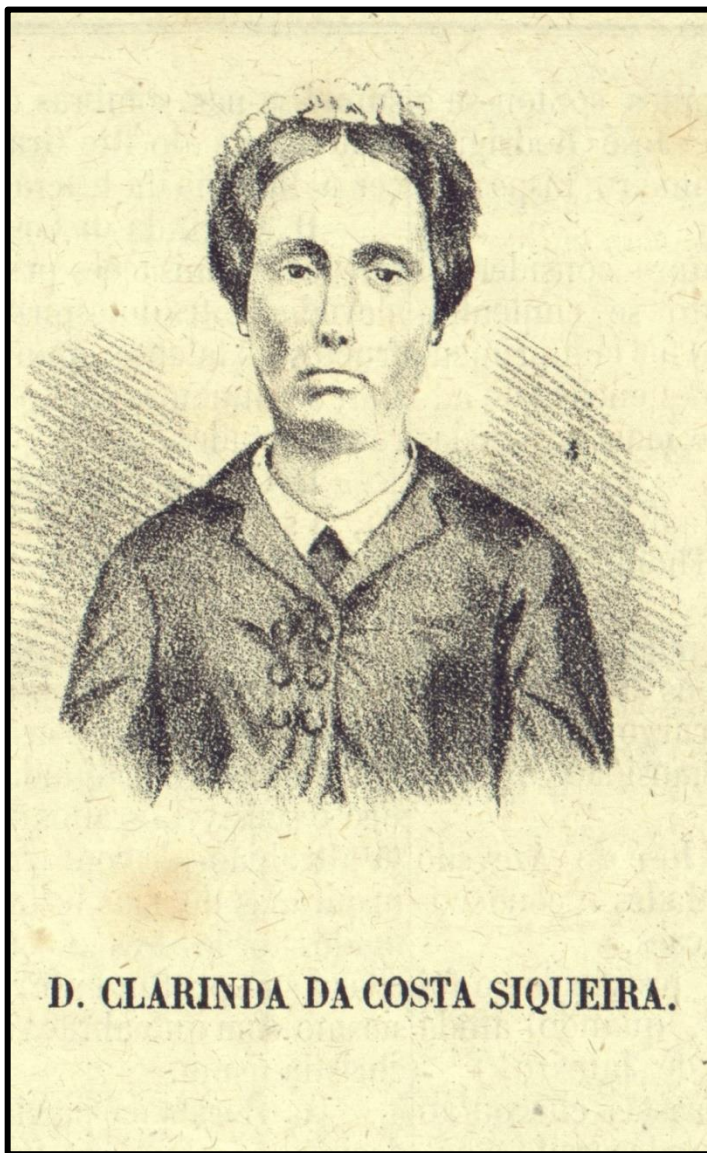


A primeira presença feminina nas matérias encomiásticas publicadas pela *Sentinela do Sul* coube à poetisa Clarinda da Costa Sequeira, apontada como “distinta rio-grandense” recentemente falecida. A

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

escritora era descrita como “uma glória do Rio Grande, que passa a pertencer à história da literatura pátria” e como “uma daquelas organizações privilegiadas, que aos mais elevados dotes do espírito e aos mais sazonados frutos do talento”, reunia “uma bondade sem fim, sentimentos nobres, aspirações elevadas e raras virtudes”. Contava com elogios a “sua inteligência rara e seu amor ao saber”, que teriam lhe tornado “profícuo o estudo”, vindo a adquirir “uma ilustração rara no sexo feminino”, como “pensadora profunda” e “alma nimamente poética e sensível”. A folha descrevia ainda que a personalidade em destaque era “poetisa na melhor e mais lata acepção da palavra”, de modo que “suas poesias correm impressas nas colunas de inúmeros jornais”, tendo em vista que “a sua modéstia proverbial nunca quis permitir que elas fossem coligidas e publicadas em edição especial”. A atuação da poetisa era também demarcada pelas suas ações filantrópicas, uma vez que agia como um “anjo tutelar da pobreza” e “exemplo de caridade cristã”, de modo que “a humanidade chora a sua perda, como o choram as letras pátrias”. O clérigo Tomé Luiz de Souza foi outro dos homenageados de forma póstuma pela publicação ilustrada, que dizia sentir “profundamente não dispor de dados suficientes para traçar a biografia do venerável cônego”, mas, ainda assim, não deixaria “de dizer duas palavras sobre este grande vulto”. Na carreira eclesiástica, no magistério e na ação parlamentar, o padre teria sido “respeitado e amado por todos” e destacado por sua “majestosa simplicidade”³⁵.

³⁵ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 10 nov. 1867.



DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

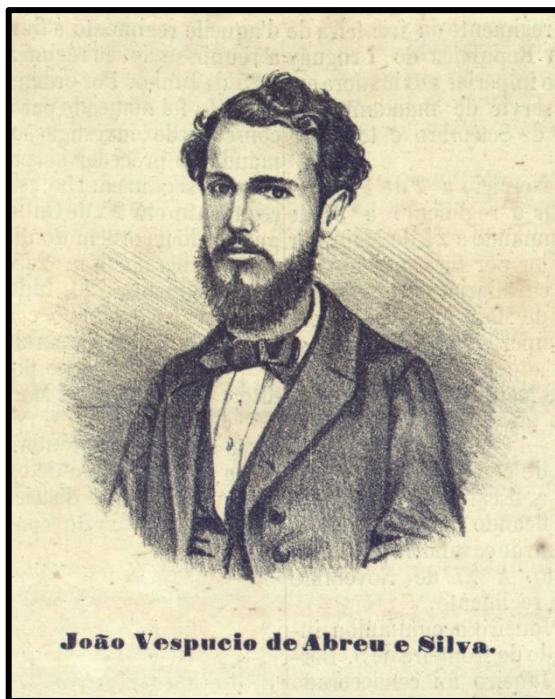


Mais um elogio fúnebre coube ao professor e jornalista João Vespúcio de Abreu e Silva, apontando como “escritor e poeta, como aqueles que o são deveras, isto é, com o coração e não com os lábios, com a convicção íntima e profunda, e não por fútil vaidade ou passatempo”. Ele contaria com “inteligência, ilustração e talento”, ostentando em sua fronte “os brilhantes lampejos do gênio”, de maneira que “nascera poeta e tornara-se sábio”, tendo em vista “o seu espírito penetrante, sua rara dedicação ao estudo, seu amor às letras”, que “ainda cedo lhe proporcionaram rara ilustração”, vindo a constituir uma das “primeiras glórias literárias” do Rio Grande do Sul³⁶. As homenagens panegíricas da *Sentinela* cada vez mais tinham por alvo os militares, mormente aqueles com atuação na Guerra da Tríplice Aliança e, nesse quadro, uma exceção foi aberta para o jovem pianista Luiz Emílio de Vasconcelos, apontado como “novo Mozart”, que executava “com facilidade e presteza” os “assuntos musicais assaz trabalhosos e dificultosos”. O músico era também elogiado como “menino talentoso” no conhecimento de línguas, estando “destinado às grandes conquistas da arte e a ser um dia assinalado como um gênio transcendente”³⁷.

³⁶ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 dez. 1867.

³⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 23 fev. 1868.

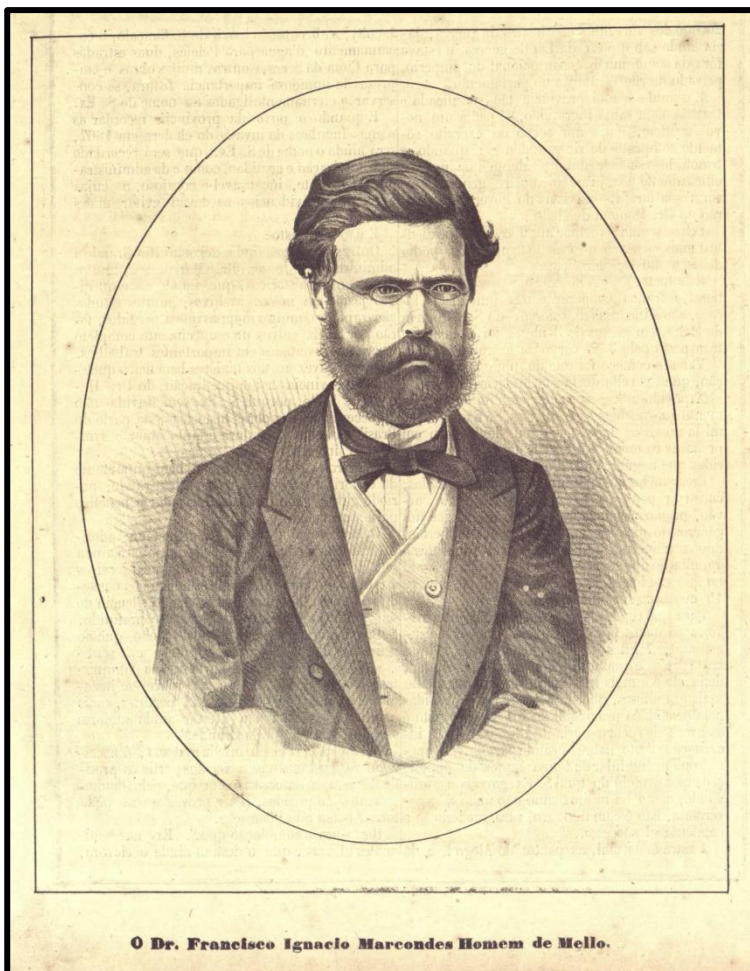
DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE



Ao final de sua gestão, o Presidente da Província, Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo contou com um tributo de parte da publicação porto-alegrense. Segundo a folha, tal “administração pertence à história”, de forma que “mais uma vez se encerrou uma página, e uma das mais brilhantes dos anais administrativos desta província”. Diante disso, considerava que seria “justo que, em um golpe de vista retrospectivo, abracemos o espaço que compreende essa administração, e que sincero preito rendamos ao homem iminente”, o qual, “na galeria dos presidentes do Rio Grande, ocupará sempre um dos primeiros lugares”. Os traços biográficos estabelecidos prenderam-se à carreira do homenageado como estudioso, designado como “um dos primeiros historiadores brasileiros” e ao seu papel como administrador público e estadista. O periódico demarcava assim que se encerrava “um período bem importante da história contemporânea do Rio Grande” e um “período glorioso para o administrador e benéfico para a província”. Ressaltava ainda que tal gestão fora “uma glória” para o governante e “um benefício para a Província”, tratando-se de “um homem realmente superior, um grande cidadão, um patriota iminente” e um “administrador-modelo”³⁸.

³⁸ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 19 abr. 1868.

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE



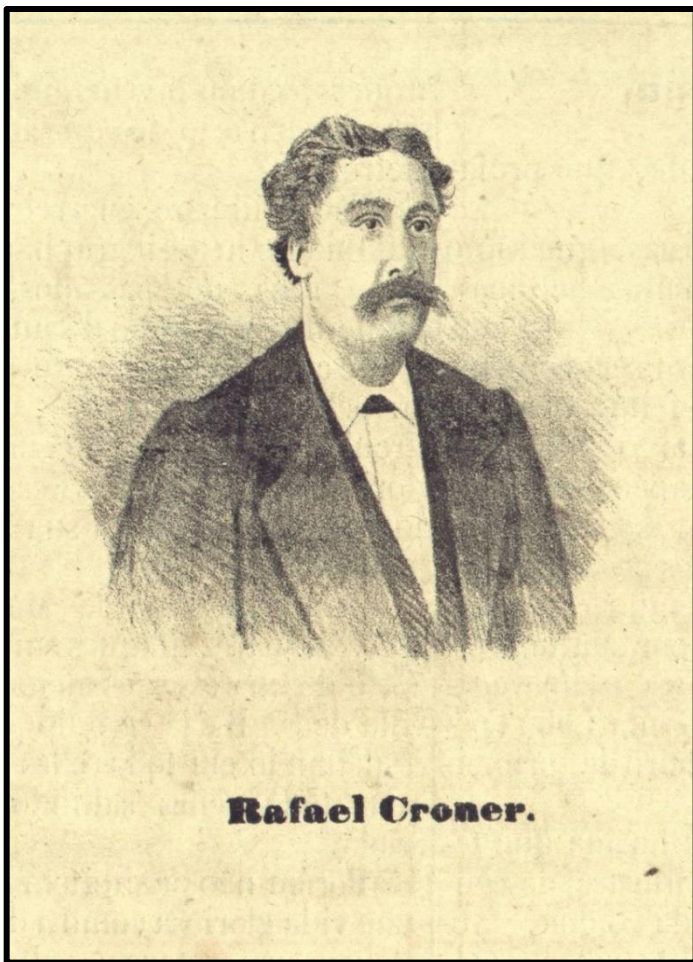
Mais um músico esteve dentre os colocados em evidência por parte da folha ilustrada e humorística sul-rio-grandense, tratando-se de Rafael Croner, que tinha sua carreira no âmbito internacional descrita pelo

semanário, com ênfase para “seu gênio e sua arte”, de maneira que, “dos triunfos obtidos em nossa província nada diremos, porque aí está a imprensa toda que uníssona decante o artista-rei, a quem rendem preito” artistas da Itália, Alemanha e França³⁹. A última homenagem a uma personalidade civil realizada pela *Sentinela* coube a segunda representante do sexo feminino enaltecida nas páginas do hebdomadário. Tratava-se da escritora Rita Barém de Melo, a qual foi dedicado mais um elogio fúnebre, com a constatação de que “o Rio Grande perdeu há pouco um dos principais ornamentos de sua sociedade”, sendo explicitado que, “no verdor dos anos, quando a vida lhe prometia as suas mais sazoadas frutas, a jovem e bela senhora foi levada ao prematuro tûmulo, pela ímpia mão da morte”, a qual, “em sua sanha destruidora, não sabe respeitar a mocidade, nem a beleza, nem o talento”. O periódico destacava que se tratara de uma “perda irreparável” para a família, para a sociedade e “para o público todo e para as letras pátrias”, já que “a jovem e inditosa senhora é aquela que tantos momentos de deleite e de entusiasmo” preparara “aos leitores das diversas folhas do Rio Grande, com as singelas e belas poesias que publicava”. A poetisa era qualificada como “uma glória do Rio Grande”, uma vez que, apesar da morte, iriam restar “as suas obras”. Ao final, a publicação enfatizava que buscara ao menos honrar “a memória da poetisa e escritora, dedicando-lhe estas breves linhas” as quais revelariam “a sua existência e prematura morte em círculos mais vastos que aqueles em que vivia”, devendo a província saber que perdera “uma filha, diletta do céu,

³⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 3 maio 1868.

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO
ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

inspirada e talentosa, êmula digna” das “poetisas que
ilustraram o nome rio-grandense”⁴⁰.



⁴⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 17 maio 1868.



O registro encomiástico traz consigo uma expressão de louvor e/ou de elogio para com alguém, de maneira que seu conteúdo louva ou glorifica pessoas,

DOIS ENSAIOS A RESPEITO DO PRIMEIRO SEMANÁRIO ILUSTRADO-HUMORÍSTICO SUL-RIO-GRANDENSE

ideias ou objetivos. Tem como termos equivalentes a apologia, o panegírico, a elegia, a monódia, o treno e a trenódia, os quais carregam o significado de uma composição solene ou discurso em honra e louvor de alguém, carregando em seu conteúdo um elogio formal e incondicional. Também demarcavam uma peça oratória em louvor de uma pessoa falecida, constituindo o elogio fúnebre, apresentando um sentido triste e melancólico, na forma de um registro lutuoso, preenche em expressões de pena e desgosto⁴¹. O periódico pioneiro do gênero ilustrado-humorístico desempenhou bastante a contento as incursões ao encômio em suas páginas, destacando a atuação de diversas personalidades, desde as mais reconhecidas, até aquelas com menor notoriedade. Por interesses variados, saudar personagens famosos ou pessoas identificadas por um circuito social menos ou mais amplo fazia parte da ação panegírica que buscava chamar atenção do público e glorificar tais indivíduos, tanto na vida quanto na morte, de modo a influenciar a consciência e a memória coletiva acerca dos mesmos⁴².

⁴¹ SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p. 169, 45, 165, 339 e 163.

⁴² ALVES, 2025. p. 92.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**



9 786553 060708

ISBN: 978-65-5306-070-8